



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A Formação do Pedagogo Social com base no Currículo da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília**

Renato Pereira da Silva

Brasília DF, Março de 2013.

A Formação do Pedagogo Social com base no Currículo da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Renato Pereira da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia, à Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da Professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho.

Comissão Examinadora:

Professora Dra. Sônia Marise Salles Carvalho (orientadora)

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professor Dr. Lúcio França Teles

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Professora Dra. Sandra Ferraz de Castillo Dourado Freire

Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

A minha família e em especial aos meus pais que me deram a liberdade de fazer minhas próprias escolhas, mesmo sabendo que estas não seriam exatamente as corretas, e ainda sim me apoiaram, deram carinho, amor e todo o suporte que eu precisei em toda a minha jornada vital e acadêmica. E me ensinaram a sempre fazer a coisa certa, independente da situação, e a assim aprendi o valor das coisas e o peso da minha responsabilidade.

Ao meu amor que me acompanha, conforta, suporta, e que hoje também faz parte das minhas vitórias e conquistas.

Aos meus amigos de verdade, e que eu não seja o único a realizar um grande sonho acadêmico.

Àqueles que acreditaram que no meu potencial e não estão aqui citados.

Agradecimentos

A meus pais, Bráulio e Eliane que me deram carinho, amor e uma linda família, a eles que eu devo minhas conquistas, vitórias e todo o meu caráter, estes que sempre me apoiaram e incentivaram a seguir em busca dos meus sonhos.

A meus irmãos Luciana, Bráulio Junior e Fernanda pelo apoio e por acreditarem no meu potencial e me ajudarem quando precisei.

A minha irmã Daniela (Pedagoga), por todo apoio, suporte, livros, apostilas, carro, dinheiro, e todas as problematizações pertinentes que tivemos na sala de nossa casa e nos outros espaços.

À Brenda Nascimento, pelo amor, companheirismo, carinho, amizade, incentivo confiança, entrega e por ser o meu grande amor.

A meus amigos Adalberto, Marcos e Talita Cristina, Mariane e toda a galera Pré-loyola que estiveram comigo e me aguentaram por muito tempo mesmo estudando para realizar um sonho.

Ao corpo docente do Pré-loyola de 2007, professores Elaine, Ricardo, Afonso, Silvio, Diego, Rachel, Renata, Leonardo, Mozart, e ao Gerivaldo Nogueira vulgo (Geri), meu grande mestre e amigo.

A meus amigos de infância, juventude e realidade José Valdo (Filho), Wellington (Buiu), Leonardo, Ronaldo, Leonardo (Pezão), Felipe (Branco), Michael, Felipe (Moska), Pedro, Paulo, Deivite, Felipe (Pinho), Goulart, Lucas (Azul), Jonas, Marcelo, Flávio, Marlon, Wesley, Jeferson, Laércio, Marco Antonio, agradeço a todos por fazerem parte da minha juventude, das festas, dos carnavais, dos aniversários, da bebida e de todos os momentos que fizeram parte de minha história em Brasília.

A meus amigos da Faculdade de Educação, Rodrigo (Kabeça), Ana Elisa, Ana Claudia, Fátima, Sâmia, Débora, Diego e Natália, Wesley, Luce e Will (Brigadeirão), Taiane, Luíza, Crislanqueni, Lívia, Paulo, Roale, Rafael Ayan (Chakrinha), Luis Fernando (Conde), Natássia, Matheus, Maria Claudia, Marina, Bruno (Kafka), Anderson, Tamara, João, Jorge, Leonardo, Jaciara, Sabrina, Paula León.

Aos craques do time de futebol Pedagogia que fizeram história em 2013, Lucas, Murilo, Yuri, Rafael, Almir, Ricardo, Marx, Danilo, Fábio, André Luis tenho todos no meu Coração.

À Dona Amparo e ao Sr. Aroldo por abrir espaço para o trabalho com as crianças de Santa Maria DF, que fazem parte da Associação Atlética, e a Lethícia Tayenne, Fátima, Paulo e nosso querido Raimundo por fazerem parte dos encontros aos sábados nestes 2(dois) anos e de todo meu percurso nos projetos.

Aos Professores Doutores Rosangela Correa, Armando, Cristiano Muniz, Carlos Lopes, Lívia Pacheco, Cristina Leite, Denise Botelho, Eduardo Ravagni, José Vieira que marcaram minha vida pessoal e acadêmica contribuindo não apenas na minha formação profissional, mas também que me fizeram ver um sentido das coisas.

Aos companheiros de trabalho que me deram uma primeira oportunidade no CESPE/UnB, Alice e Valney e aos amigos com quem dividi quatro anos da minha vida e ainda hoje fazem parte da minha rotina, Samuel Édem, Carlos, Caio Leastro, Elves, Josimar, Igor Teodorico, Danilo, Thiago, Leandro Lélis, Guilherme, Lucas Antun, Will Diego, Vinicius, Wagner, Luis Fernando, Marcelo, Gregório, Cleiton e minhas Amigas Crisana Correia, Luciana, Lethícia, Suellen, Ingrid, Cristiane, Rose, Flávia Cristina, Zeile, Anna Vanessa, Nayale, Camila, Camila Wilerson, Jacqueline, Julia Rondon, Bruna, Jully, Amanda, Nayla, Priscila, Mary, Jéssica, Fernanda, Fabiana, Lucilene, Suzana e todos que porventura tenha me esquecido do nome.

Aos meus novos familiares, Gionete, Antonio, Brendo e Beatriz pelo carinho.

A minha comadre Adriana e minha afilhada Isadora (Isa).

A minha Orientadora Profa. Sônia Marise, que acreditou no meu potencial quando eu pouco acreditava, isso me fez desenvolver um senso crítico, autoestima, habilidades, e um compromisso, muito grande com o curso e com a comunidade, e é graças a esse voto de confiança que hoje estou concluindo com qualidade, a meu ver, o curso de Pedagogia.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso faz uma análise dialógica na perspectiva das definições de pedagogia que estão presentes nas estruturas acadêmicas, do campo de projetos, e no currículo de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Este estudo apresenta em forma de conversa concepções e parâmetros baseados na produção de Paulo Freire no que diz respeito à educação popular e sua relação prática com o campo de projetos da faculdade de educação, e ainda sua importância e contribuição na formação acadêmica do pedagogo social.

Palavras chave: Educação popular, pedagogia, emancipação, currículo, projeto acadêmico.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO GERAL.....	09
PARTE I	10
MEMORIAL.....	10
Minhas Memórias Acadêmicas, Uma História de Luta na Escola Pública do Entorno e do Distrito Federal.....	11
PARTE II	25
MONOGRAFIA	25
O Currículo do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília na formação do Pedagogo Social.	25
INTRODUÇÃO	26
CAPÍTULO 1.....	28
A PEDAGOGIA E SEUS CONFLITOS ESTRUTURAIS DE LEGITIMAÇÃO.....	28
1.1 A pedagogia e sua formação acadêmica constituem saberes legítimos e historicamente legitimados: um pouco da luta dos pedagogos.....	28
1.2 A questão da libertação.....	33
CAPÍTULO 2.....	37
O PROJETO ACADÊMICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO.....	37
2.1 A questão do currículo no curso de pedagogia: em defesa de uma educação para a consciência.....	37
2.2 A experiência com o currículo da Pedagogia no campo de projetos.....	42
CAPÍTULO 3	48
AS CONTRIBUIÇÕES DO PEDAGOGO SOCIAL (EDUCADOR SOCIAL) NO CAMPO DE ATUAÇÃO.....	48

3.1 Princípios teóricos da Pedagogia social.....	48
3.2 Prática pedagógica: A experiência do Projeto de Economia Solidária e Educação Popular da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília na Associação Atlética de Santa Maria DF.....	51
3.3 O projeto em Santa Maria.....	54
CONCLUSÃO E CONSIDERAÇÕES FINAIS	59
PARTE III	60
PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL	61
ANEXOS	64
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	72

APRESENTAÇÃO

Este trabalho traz as memórias acadêmicas de um jovem estudante do sistema público de ensino que seguiu sua trajetória escolar até a graduação do curso superior em pedagogia, traz ainda suas principais e marcantes experiências pedagógicas que contribuíram na sua formação como indivíduo, trazendo aspectos de seus traços familiares e comportamentais construídos durante os anos de escolarização, em sua realidade específica.

Em seguida, o capítulo 1 (um) faz um breve histórico a respeito dos conflitos de legitimação da pedagogia, e sua relação com as demais ciências da educação, passando pelas recentes preocupações quanto à formação do perfil profissional da pedagogia, e seus dispositivos reguladores, bem como a preocupação com a abrangência do campo de atuação ligada à qualidade do processo de formação. Em contribuição, apresenta-se a questão da emancipação do sujeito dentro do curso de pedagogia a fim de promover uma educação libertadora, para a cidadania e consciência.

Posteriormente, no capítulo 2 (dois) é realizada uma análise individual e pessoal do projeto acadêmico do curso de pedagogia, destacando aspectos importantes que o caracterizam em sua abrangência e se fazem presentes nas estruturas organizacionais, especificamente ao campo de projetos é dada maior atenção pelo fato de este ter um papel fundamental na trajetória acadêmica no que se refere a formação docente.

Por fim, no capítulo 3 (três) trago a pedagogia social em seu campo conceitual e alguns de seus conflitos estruturais juntamente com suas características marcantes, que a partir destas, servirão de aporte para justificar o engajamento e a prática pedagógica realizada por meio do campo de projetos do currículo do curso de pedagogia. Será explicitada ainda a identificação da disciplina, do projeto e as características do local da prática pedagógica relacionada ao campo conceitual da pedagogia social, aplicada a realidade do estudante regularmente matriculado no projeto de economia solidária e educação.

PARTE I

MEMORIAL

**MINHAS MEMÓRIAS ACADÊMICAS, UMA HISTÓRIA DE LUTA NA ESCOLA
PUBLICA DO ENTORNO E DO DISTRITO FEDERAL.**

Minhas Memórias Acadêmicas, Uma História de Luta na Escola Pública do Entorno e do Distrito Federal.

Antes de começar a falar do que eu fui e como me constituí, pretendo descrever como sou. Um jovem negro, 23 anos, construindo uma vida cheia de histórias já contadas por outras pessoas, que muitas vezes foi desdenhado, criticado e admirado, não apenas por escutar Rap, samba, ter a pele escura, ou morar na periferia de Brasília, é por tudo isso e ainda sim justificar que o valor das pessoas está nas suas conquistas e jamais no que possui.

Não tenho a personalidade forte, tenho o orgulho de tudo que represento e carrego junto comigo, acredito que nossa vida é feita um pouco de desafios, conflitos, escolhas e dentre muitas coisas consequências que nos obrigam a tomar partido, a ter um princípio ou uma ideologia a respeito de cada decisão que tomamos. Aprendi com uma mulher muito Sábia, Professora Doutora Sônia Marise o sentido da “dádiva” o que chamamos de dar, receber e retribuir. Não é dar por que é uma obrigação ou um ato de solidariedade é dar porque é justo, humano e livre de compromisso, receber por consciência da gratidão e do vínculo criado e retribuir é como um ciclo de compartilhamento, de união, respeito, é uma dádiva.

Pretendo colocar neste trabalho a melhor parte de minha graduação e minha vida pessoal, deixando bem claro, as experiências contadas, as bibliografias consultadas e constantemente revisadas porque é a partir delas que tenho uma visão sistematizada dos objetos estudados ao longo destes anos, agradecendo ao Mestre Paulo Freire a grande contribuição com as obras Pedagogia do Oprimido, Pedagogia da Autonomia, e Educação e Mudança, pela orientação e pelos conselhos dados em diversos momentos de minhas práticas, a Jean Houssaye por esclarecer e defender a pedagogia do preconceito histórico e a Roberto da Silva, João Clemente de Souza Neto e Rogério Moura pela contribuição na construção de minha identidade no que diz respeito à formação acadêmica.

Não posso deixar de esclarecer do amor pela educação, que adquiri durante o curso e do poder de mudança que ela traz para todas as pessoas de diversas idades, cores, classes e gêneros. A educação pode trazer a consciência significativa

e a partir desta as mudanças estruturais e culturais para um cotidiano coletivo, menos violento, esclarecido das condições reais da sociedade.

Devo aqui expressar minha indignação por ver companheiros concluindo o curso assumindo cargos públicos na Secretaria De Educação do Distrito Federal e reproduzindo o molde tradicional de ensino que tanto se opôs durante a graduação. É meu compromisso enquanto agente social e formador de opinião, sistematizar toda minha luta até então para ter autonomia de seguir em frente com muito orgulho, consciência e ética. Descreverei nestas paginas muito de minhas inseguranças intimidade e compromisso.

Não poderia deixar de lado, numa discussão relevante da formação de opinião um discurso esclarecedor como o de Pierre Bourdieu, no que diz respeito à reprodução de estruturas sociais e a ideia de transferência de capital cultural como fator essencial de alienação e manutenção da desigualdade social. Tal discurso acende ainda mais o anseio de luta e para a mudança social por meio da educação.

Ao dia quatro de maio de 1989, no hospital regional do Gama DF, nasce Renato Pereira da Silva, mais um dentre tantos guerreiros do nosso Brasil, pelo menos um dos que terá um pouco de sua história contada. Filho de Eliane Medeiros, uma grande mulher oriunda da cidade de Caxias no Maranhão, uma cidade que pouco ofereceu para uma vida mais singular no sentido de fartura e oportunidades, guerreira esta que cursou apenas até a sexta série do ensino fundamental, mas de uma sabedoria e uma vontade imensa de ver seus filhos realizarem o sonho que ela não realizou devido à sua realidade e as grandes pedras que teve pelo caminho.

E filho também de Bráulio Pereira da Silva um homem negro de cabelo “Black Power” que saiu muito jovem da cidade Estiva no interior do estado de Goiás para tentar construir um novo rumo para sua vida além do trabalho na roça manipulando ferramentas do trabalho rural, e obviamente sem oportunidades para estudar já que até então somente havia completado integralmente a quinta série do ensino fundamental e não tinha o suporte o nem o apoio dos pais.

Era questão de tempo até trabalhar na construção civil para obter o sustento diário, eis que surge um casal de imigrantes que vieram para a capital federal em busca de melhores condições e esperança num futuro próximo e que por acaso do destino se encontraram na cidade e dão origem a 5 (cinco) filhos, dentre eles eu a segunda prole deste casal. Por cerca de onze anos toda esta família residiu no Bairro de Lago Azul – Novo Gama GO.

Nesta cidade pude viver toda a minha infância desde as principais e primeiras lições de vida, inclusive das primeiras experiências em sala de aula e o convívio com o ambiente escolar. Esta primeira experiência teve início na Escola Municipal Delfino Meireles – Novo Gama DF, aos 6 (seis) anos de idade, devido a necessidade de trabalho minha mãe teve de me matricular um ano mais cedo na escola que até o corrente ano não disponibilizava a Pré-Escola, atual primeiro ano do ensino fundamental da educação básica.

E assim pude iniciar minha trajetória acadêmica diretamente na primeira série, fato este foi importantíssimo na minha vida. Pois bem, este primeiro contato me fazia dono de uma felicidade imensa, pois desde mais jovem não via hora de ir para a

escola, aprender a ler e escrever, correr pelo pátio, brincar com as outras crianças e essas coisas de menino.

Não sei se eu era inteligente para a minha idade, ou esperto por já ter uma socialização de convivência bastante afluída pelo cotidiano com os garotos da rua, já que passava maior parte do dia brincando na rua, ou com minha irmã e vizinhos, sendo que minha mãe tinha que trabalhar para ajudar a compor a renda da família, mas sempre tive notas muito boas em toda a primeira série.

E claro, tem coisas que a gente nunca esquece, flashes de memória me fazem recordar aquela Sala 02 do turno Vespertino e a professora Surama, que certa vez me viu brincar no pátio dando cambalhotas (Estrelinha) e me ordenou que parasse; e eu naquele momento havia obedecido à ordem da professora, segundos após ela virar as costas continuei a dar cambalhotas até certo ponto ela reparou na desobediência e me deu meu primeiro castigo, após quatro meses de aula, ela castigou-me forçando a dar 20 (vinte) cambalhotas seguidas sem parar, o que me deixou exausto e exposto diante da turma.

Este não foi um dos motivos que me fizeram escolher o curso de pedagogia, mas esta foi uma conduta que bastante critiquei durante minha graduação, a ideia do castigo no ambiente escolar, mas estas são histórias para páginas de outro momento. Logo mais adiante no tempo consegui a aprovação em todas as disciplinas e em todos os bimestres. Confesso que nunca tive muitos presentes quando era aprovado, mas nestas etapas nunca fui castigado.

No ano seguinte tive ótimos momentos com a segunda série, já com 7 (sete) anos de idade e estudando na mesma escola mas desta vez com a professora Verônica que aprendi muita coisa importante e foi onde consegui pela primeira vez conquistar uma nota 10 em uma disciplina, carrego ainda lembranças de características da escola que ofertava o ensino de primeira a quarta série do ensino fundamental com cinco disciplinas que eram, língua portuguesa, matemática, ciências, estudos sociais, e ensino religioso.

Na chegada da antes da entrada em sala era necessário formar uma fila de cada sala e realizar a cerimônia de entrada e cantarmos o hino da bandeira e o hino

nacional, não sabia ao certo o motivo, mas a professora sempre cobrou o aprendizado deste.

Logo após a segunda, tive início com a pior turma de toda a minha vida, havia uma professora (Iracilda) que ofertava a terceira serie e odiava alunos que bagunçavam na aula e logo eu fui sofrendo nos primeiros bimestres a raiva que a professora sentia de mim, mesmo que a recíproca seja verdadeira. Minhas notas despencaram, eu sempre fui nos anos anteriores um aluno media 7 (sete), mas dali em diante passei a ser um aluno media 4 (quatro) o tempo iria passando e eu cada vez pior, odiando a professora, tirando notas baixas, recebendo advertências, suspensões de três dias e ainda ameaças de expulsão.

Interessante lembrar que toda vez que eu chegava em casa com uma advertência ou suspensão eu era corrigido por minha mãe na mais conhecida “pedagogia do chinelo”, e por fim no encerramento do ano consegui ficar de recuperação em três disciplinas das quatro que podem reprovar o aluno, pois a de ensino religioso não atribuía grande importância curricular. O desfecho foi interessante, após toda uma novela dramática cheia de fatos rancorosos, choros e suplicas para não ser reprovado, tive a aprovação garantida por meio da recuperação me livrei da maior pedra que até então ocupava o fundo do meu sapato.

Adiante tive muitas expectativas, pois a quarta serie era ofertada por uma professora chamada Patrícia e um professor chamado Ronaldo, onde todos os alunos da escola queriam fazer parte desta turma, pelo fato de ele ser o único homem lecionando na escola e ter uma dinâmica diferente em sala de aula, extrovertido, brincalhão e muito divertido, mas infelizmente acabei não sendo selecionado para esta turma porque somente os melhores alunos iriam para esta turma, e como fui aprovado no sufoco não tive esta sorte.

A quarta serie foi maravilhosa, tive preconceito inicialmente porque queria ter aula com outro professor, e aprendi mais com a professora Patrícia do que eu poderia imaginar, uma pessoa paciente, tranquila, atenciosa e comprometida com a aprendizagem do aluno, pelo menos no meu caso que já era visto como problema na escola devido a serie anterior, em todo caso fui voltando a ser o bom aluno que

se comporta e participa da aula e tira boas notas assim como diziam meus pais, que iriam na reunião bimestral e na maioria das vezes recebiam elogios por seu filho. E nesta sequência de fatos concluo meu ensino fundamental do primeiro ciclo.

Saindo da infância e “entrando na adolescência”, ou melhor, mudando de escola e serie, enfim, iniciei o ensino fundamental do segundo ciclo no Colégio Estadual Professor Benedito Vieira de Sá, onde estudei também no Lago Azul - Novo Gama, mas desta vez no período intermediário, que ocupava o horário posterior ao matutino e anterior ao vespertino. De certo, uma estratégia do Governo de Goiás para atender a demanda, já que a escola também tinha o período noturno. Nesta fase a maior diferença que me foi evidenciada foi o acúmulo de disciplinas que outrora eram 5(cinco) e passaram a ser 9 (nove).

Tal fato que causou um pouco de estranhamento a princípio, que acrescentada junto com o esquema de um professor para cada disciplina, e mais, alunos cada vez maiores e mais velhos. A única diferença que pude destacar foi que eu passei de ser um aluno média 7 (sete) para ser um aluno média 5 (cinco). Trago comigo a lembrança de um amigo que gostava de me bater, este era o Thiago, tinha doze anos, mas brigava com garotos de 15, logo fui me tornando amigo e este quase me levou a reprovação. Em vez de estudar, fazer trabalhos, lições etc... Iria com ele caçar passarinho com baladeiras no meio das matas, trabalhar de empacotador em supermercados da região esquecendo-me da escola e estas foram algumas de minhas realidades.

A sexta serie foi marcante, pois tive um amigo muito diferente dos outros, era o Renato Porto, filho de uma amiga de sala da minha irmã mais velha que neste momento frequentava a oitava serie. Ambos fazíamos os trabalhos pesquisas e bagunças juntos, este me ajudou muito durante o ano de 2001, como me recordo bem mais uma vez fiquei para recuperação em três disciplinas. Até então não fazia a mínima ideia do que viria acontecer meses mais tarde, a vinda repentina para o Paranoá- Distrito Federal. Iniciado o ano de 2002 chego a Brasília no dia 18 de março, já para iniciar as aulas no Centro de Ensino Fundamental 02 do Paranoá (C.E.F 02 do Paranoá), onde tive o primeiro contato com a greve dos professores da rede publica.

Iniciado as aulas, logo tive muita dificuldade de interação com os demais estudantes, acabara de chegar do entorno do DF para uma área que era conhecida como “Invasão”, no Itapoã, que ocupava as terras públicas do DF, e ainda sofri um preconceito de origem muito grande pelas pessoas que já residiam no local e frequentam estes espaços, pois o choque cultural foi muito grande, pois além de não reconhecer o estilo de vida da maioria dos jovens que era bem evidente, sofria a falta de comunicação com estes.

Enfim, depois de vários atritos com o grupo de estudantes conheci o melhor professor que até então tinha contato, e com quem tive a oportunidade de conviver, é o professor Vicente de Matemática, um professor sábio, comprometido, que me fez ver o lado bom dos números e da matemática bem como sua aplicação em termos práticos. E assim pela primeira vez consegui resolver problemas, a trigonometria, equação do segundo grau, sistemas lineares, matrizes entre outros conteúdos já não eram tão assustadores.

Esta sétima série foi muito difícil, pela primeira vez sofri o que hoje se caracteriza como “Bulling”, havia um grupo de garotos, agiam e se vestiam como “playboys” agiam juntos tirando sarro, utilizando de termos como ‘pé sujo’, ‘neguinho da invasão’, ‘pobrinho’ e etc., tomando as coisas dos outros alunos (óculos, canetas, dinheiro), e ainda aproveitando as aulas de educação física para agredir fisicamente.

Enfim o fato de morar numa cidade, marginalizada com altos índices de violência fez com que o preconceito de origem ficasse marcante naquele período, sem contar da condição social que vivia, em termos mais práticos eu era mais pobre dentre estes, o vestuário era diferente, os costumes eram diferentes e as atitudes em si também, a única forma que encontrei de me livrar destas situações foi usar da violência da cidade como arma, fazendo ameaças chamando amigos mais ‘descolados’ para me acompanhar na escola e assim aos poucos consegui me livrar da perseguição, consegui, mas nestes casos a vítima muda, mas daí já não era um problema meu, eu era jovem e o que eu queria naquele momento eu já tinha conseguido então já estava feliz.

Uma das coisas que me chatearam bastante foi o fato de não conseguir aprender sobre os ângulos e retas paralelas, tal situação me fez obter a primeira

nota zero, o que quase me ocasionou a reprovação, consegui ir para a oitava série, mas devendo uma disciplina, um método chamado de “recuperação paralela” me fez seguir em frente e não perder tempo refazendo tudo que outrora já tinha. Enfim, prometi a mim mesmo que jamais iria ter pendências na escola como esta experiência, então fui um ótimo aluno na oitava série e consegui médias que me aprovariam já no terceiro bimestre inclusive matemática.

Em seguida, iniciei o ensino médio na escola ao lado, no período da tarde, pois o Centro de Ensino Médio 01 do Paranoá, era localizado na quadra 02 ao lado do C.E.F. 02. Nesta escola vivi momentos incríveis, aprendi então que uma boa relação com o professor ajudaria muito em todos os aspectos avaliativos na sala de aula, então não resolvi ser o ‘aluno puxa saco’ e sim aquele que pergunta, participa, pesquisa e desta forma consegui mais abertura para muitas outras coisas do tipo reforço, atividades extras resultando no meu bom desempenho, como havia mais disciplinas a carga horária semanal era menos intensa por disciplina, assim pude conseguir ótimas notas e ser aprovado no terceiro bimestre, inclusive ser elogiado nas reuniões de pais e mestres, coisa que nunca acontecera antes.

Mas o primeiro ano do ensino médio foi marcante, pelos amigos que conquistei o Marcelo (chapolim) e o Ivanildo, estes se tornaram amigos não apenas de escola, mas também de vida, fazíamos todos os trabalhos escolares juntos, jogávamos futebol juntos, paquerávamos as meninas juntos, frequentávamos festas juntos enfim, fomos os melhores amigos deste ano e de outros. O segundo ano foi marcante, fomos separados.

A escola tinha a mania de separar os alunos por desempenho claro que não deixamos de curtir juntos, mas reduzimos o contato abrimos espaços para novas amizades, mas o mais importante neste ano não foi algo disciplinar da escola e sim a grande escolha da minha vida. Neste período eu tinha 15 anos cursava o segundo ano do ensino médio, mas em outro espaço, no futebol, eu tinha muita chance de ser jogador de futebol que sempre estive em minha vida desde os 9 (nove) anos de idade.

Aos 15 eu era considerado por muitos, um dos três melhores meio campistas daquela idade na cidade do Paranoá e Itapoã, estava numa ótima equipe, com

profissionais conhecidos no ramo, fiz vários testes em times e consegui passar em muitos deles, dispuetei vários campeonatos pelo Distrito Federal entre eles o campeonato candango na categoria Juvenil por dois anos, e chegou a um determinado momento em que eu deveria escolher entre continuar jogando futebol e estudar.

Um grande dilema que perturbou minha cabeça, pois na escola, houve uma oportunidade vantajosa para os alunos, um projeto chamado escola de fábrica, onde era oferecido um curso técnico de dois anos em administração de redes de computadores na Faculdade UNEB (União Educacional de Brasília), oferecido pela Cisco Systems do Brasil Ltda. Em parceria com o SERPRO (Serviço Federal de Processamento de Dados) que oferecia um estágio supervisionado e o GDF (Governo do Distrito Federal) que custeava a bolsa do estágio e o curso completo aos estudantes.

No total eram 60 bolsas divididas entre o período matutino e o vespertino, a direção da escola escolheu os 30 alunos de cada turno considerados melhores ou com ótimas notas, e por ironia do destino eu estava entre estes selecionados, logo meus pais não queriam me deixar perder esta “oportunidade”, veja bem, não tínhamos muito dinheiro, mas dava pra sobreviver bem.

Nunca passamos fome, mas faltava sim dinheiro pra muita coisa e perder um estágio numa empresa do governo e ainda ganhar um curso técnico na área que mais gerava renda nessa época, não tinha como desistir, tive que abandonar os treinamentos para realizar o curso e o estágio. Daí que acabei perdendo meu grande sonho para adquirir conhecimento e um pouco de dinheiro que não era muito, mas pra quem não ganhava nenhuma renda qualquer coisa era muita coisa.

Concluí o curso muito bem, contribuiu bastante na minha formação profissional, acadêmica e pessoal, o estágio me proporcionou o primeiro contato com o mundo do trabalho e muito conhecimento na área de tecnologias o que me fez ter novas oportunidades, mas que não eram vantajosas naquele momento e após este curso concluí o ensino médio no mesmo ritmo do primeiro e segundo ano sem dificuldades e cheio de expectativas para ingressar no primeiro emprego de verdade.

No entanto, aos 17 anos, um fato mudou o rumo de minha vida, minha irmã mais velha Daniela aos 19 anos prestou vestibular para a UnB pressionada por minha mãe, e por mérito conseguiu a aprovação no segundo vestibular de 2006 para cursar Pedagogia na Universidade de Brasília, fato inédito na família, da geração do meu pai que é o primogênito dos doze filhos de minha Avó Domingas Pereira da Silva e Clemente José da Silva, nenhum outro teve o mérito de ingressar na universidade Pública.

Obviamente, meus pais queriam muito que eu também cursasse a universidade. Relutei um pouco, mas, meu pai me levou para trabalhar com ele na profissão de auxiliar de pedreiro e ele me questionou se eu queria continuar trabalhando com ele ou estudar para ir para a faculdade já que mesmo com o curso técnico não conseguia emprego, não pensei muito em tomar uma decisão.

Consegui a matrícula em um curso pré-vestibular gratuito no Centro Cultural de Brasília localizado na quadra 601 – Asa Norte, DF. Onde estudei todo o ano de 2007 e tive o melhor ano de minha vida, conheci pessoas de classe e renda iguais as minhas, oriundas de escolas públicas do DF e entorno e que aspiravam a Universidade de Brasília e o curso superior. Já que a matrícula era condicionada a uma análise socioeconômica e uma entrevista pessoal, a ideia deste curso era a de ajudar jovens a ter uma formação cultural, cidadã e ingressar no ensino superior.

Neste ano fiz os melhores amigos de toda uma vida e percebi que a rede pública de ensino do Distrito Federal não estava preparada para colocar os jovens na universidade pública o currículo não é aprofundado e não condiz com a realidade do vestibular da universidade pública, logo, os alunos de escolas particulares têm todo o aporte de suas instituições para o ingresso facilitado nas vagas disponibilizadas por meio de vestibular, ou seja, os alunos das redes públicas de ensino têm que fazer o caminho mais longo e lutar para chegar à universidade e o meu caso foi exatamente desta forma.

Nesta caminhada conheci o Adalberto e Marcos, meus grandes amigos que hoje são administrador e geógrafo formados respectivamente, que por muito tempo estiveram estudando dia a dia no período da manhã e tarde, para entrar na universidade. Onde tínhamos um horário de aulas somente no vespertino, mas

precisávamos de algo a mais na formação então ficávamos dois períodos, tentamos vários vestibulares, mas sem êxito.

Inicialmente pretendia o curso de Engenharia de Redes de Computadores, mas, certa vez por pressão familiar tive de escolher outro curso considerado mais fácil, então questionei minha irmã, sobre os cursos que a UnB oferece, e fiz a opção pelo curso de pedagogia, e no primeiro e segundo semestre me apaixonei pelo curso, e pela perspectiva de futuro que ela oferece.

Fiz a opção para o curso pedagogia, mas não pelo sistema de cotas para negros, fiz pelo sistema universal, não por que não identifico com a proposta das cotas ou da ação afirmativa que ela representa e sim pelo fato de que eu me sentia obrigado a fazer parte dos negros a entrar na UnB, além dos que entram pelo sistema de cotas.

O início do curso de pedagogia foi maravilhoso, era realmente tudo que eu imaginava, conheci muita gente bacana com as mesmas expectativas que eu e outras com algumas decepções. Conheci professores marcantes na Faculdade de Educação, exemplo, cito o professor Armando, que ministrou a disciplina de oficina vivencial e a professora Rosângela Corrêa de Antropologia e educação, estes me proporcionaram momentos de aprendizagem, complexidade, realidade, memória e convivência e foram momentos assim que busquei durante todo o curso de pedagogia.

No meu segundo semestre, tive muita dificuldade, pois comecei a trabalhar no Centro de Seleção e Promoção de Eventos (Cespe/UnB) por meio de estagio onde a carga diária era de 6 horas, onde adquiri muita experiência no âmbito das avaliações externas. Além do crescimento acadêmico e profissional, cresci bastante com o convívio com meus colegas da equipe de trabalho, daí planejei o restante do curso no período da manhã já que trabalhava à tarde.

Logo após três meses dei um passo largo na estrada de minha vida, resolvi sair da casa dos meus pais e morar sozinho, após críticas, não fui capaz de me arrepender e resolvi direcionar minha própria vida arcando com cada consequência que uma escolha errada poderia me causar. Assim tive de me reorganizar para conseguir trabalhar, estudar, e cuidar de casa.

Estou concluindo o curso com uma satisfação imensa, que me sinto capaz de descrever como minha realidade me fez perceber o quão diferente são as pessoas dentro da universidade e a que rumo segue suas militâncias. Não sou o estudante que frequenta todas as aulas e faz todos os trabalhos, mas sim, leio todos os textos, livros e principalmente participo e problematizo na grande eficácia do curso presencial: a discussão, o debate e o amadurecimento das ideias.

Nestes anos conquistei muita coisa boa com a ajuda da Universidade, além da formação acadêmica e um emprego precarizado, mas nunca desvalorizado, conquistei alguns amigos eternos e vivenciei momentos inesquecíveis dentro e fora de sala de aula com professores e estudantes. Sou eternamente grato a Universidade de Brasília por tudo que me proporcionou.

Tive muita dificuldade de relacionamento com meus colegas, por diversas vezes fui chamado de “picareta” por cursar três ou quatro disciplinas por semestre, enquanto a grande maioria cursava seis ou sete, por este fato me distanciei da turma que iniciou comigo, obrigando-me a ter um relacionamento mais estreito com os demais estudantes, já que tínhamos um convívio de quatro meses apenas.

Ter que trabalhar no início do curso teve um peso enorme na minha formação acadêmica, até mesmo no relacionamento com outros estudantes, o deixar de fazer um trabalho, não ir a uma reunião por estar cansado, ou ter que fazer outra coisa quando se era para estar preparando um artigo. O fato de sair da casa dos pais e trabalhar para me sustentar e iniciar/concluir o curso superior não é o grande desafio do brasileiro, mas para um estudante de origem humilde que foi aprovado no vestibular de fato é uma grande batalha, devido não participar de diversas atividades de diversão dos colegas, e o distanciamento pelo número menor de disciplinas perdi muita coisa boa que a UnB oferece.

Assim, considero minha trajetória de vida a uma luta constante em meio às condições difíceis a que me deparo, por este motivo, procurei direcionar bastante minha graduação para pensar e agir como um pedagogo que trabalha com a comunidade. Sempre quis pensar numa educação para aqueles que estão em condições adversas as que a sociedade indiretamente impõe. Nesta linha de

pensamento, fiz opções que complementaríamos a base docente cursando disciplinas que me dariam suporte dentro da sala de aula inicialmente.

Em outro momento, por volta do 5º(quinto) semestre, atrasado no currículo, comecei a cursar disciplinas que vieram por complementar minha formação, mas pensando em uma educação para além da sala de aula, e em diálogos abertos com meus colegas pude conhecer o projeto 3(três) com a Profa. Sonia, que era de economia solidária e educação. Este tinha uma proposta diferente da maioria dos projetos voltados à docência em sala de aula convencional, trazia como objetivo, planejar, executar atividades pedagógicas com a comunidade, partindo de preceitos identificados por Freire como educação popular.

Utilizando dos 3(três) pilares que sustentam a universidade que é o Ensino, Pesquisa e Extensão, este projeto propõe o trabalho com as comunidades carentes onde é importante a participação da universidade dentro desta, contribuindo não apenas na formação mas também com ações coletivas com vistas a mediações em determinadas situações. Pude participar dos projetos 3(três) e 4(quatro) em todas as fases, analisando sua organização e importância dentro do projeto acadêmico da universidade, tendo como base teórica e prática a produção de Paulo Freire que foi um grande teórico da pedagogia social, mesmo este não tendo sua produção baseada nestes termos especificamente.

Mesmo tendo um pequeno atraso na grade curricular, com vista, no ingresso campo de projetos esclareço e reafirmo sua importância dentro do curso que deve proporcionar os primeiros contatos do estudante com a prática pedagógica em si, foi o que identifiquei em cada etapa do projeto 3(três), onde pude observar, planejar, executar tarefas e ainda utilizar na prática os conceitos de ação-reflexão-ação e ainda utilizar do projeto 4(quatro) realizar a prática pedagógica além de intervenções nas situações encontradas no decorrer das aulas propostas.

Fiz poucos amigos de verdade na Faculdade de Educação, me refiro a companheiros de luta, sou adepto de uma organização, um movimento que é resultado da história de luta, da consciência, do saber e principalmente do engajamento. O que pouco tenho visto dentro da Faculdade de Educação onde o principal foco é a emancipação do sujeito. Encontrei poucos devido à quantidade de

pessoas que se formam a cada ano, que possuem a vontade ser pedagogo, de lecionar ou de atuar no ambiente escolar.

Enfim espero que minha trajetória acadêmica não pare nestas paginas, sei que não vou cessar minha luta, mas é aqui nestas paginas que pretendo deixar minha critica aos meus semelhantes colegas de profissão, que hoje não acreditam no curso que permaneceram por anos. Pretendo também enaltecer e criticar a esta aspectos vivenciados na instituição que tem um papel importantíssimo na sociedade e que não chega a cumprir com sua proposta em determinados períodos, seja por organização e/ou limitação.

Tudo que vivenciei na universidade pretendo expressar neste trabalho e espero que sejam aceitas e levadas em consideração. Este será o trabalho mais difícil de escrever até hoje nestes anos de academia, quero corresponder às expectativas até mesmo as minhas, esclareço que estas palavras que aqui vos escrevo saem do mais intimo.

PARTE II

MONOGRAFIA

**A Formação do Pedagogo Social com base no Currículo da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília.**

INTRODUÇÃO

O Trabalho de Conclusão de Curso que aqui entrego não se configura apenas em uma das obrigações acadêmicas a todo estudante de graduação da Universidade de Brasília, trata-se de uma etapa importante em minha trajetória dentro da Faculdade de Educação, desejo muito que as experiências que serão apresentadas na sequência sirvam para muitos diálogos na realidade de nossos estudantes, sabido de tudo que foi descoberto nestes anos.

Este trabalho pretende ter voz, e atitude, assim como a educação que aprendi a confiar, acreditar e disseminar. Faço um pedido para que as palavras escritas sejam entendidas de forma reproduzam o meu sentimento a respeito da formação que me foi oferecida pela Faculdade de Educação. Precisava que este trabalho fosse real, então a princípio coloco sentimento nestas linhas.

O diálogo com os autores foram importantes dentro de uma linha de pensamento libertador, baseado na crença da legitimidade da pedagogia e na sua real importância como meio de transformação de estruturas sociais e de realidades, bem como a crença no projeto acadêmico do curso de pedagogia e na sua proposta de emancipação por meio na liberdade para a consciência. Educar para a liberdade traz conceitos repletos de ideologias e tendências políticas dentro da realidade educacional deste país, e pensar numa educação para a plena cidadania e consciência traz diversas responsabilidades e compromissos, que obrigatoriamente devem ser introduzidas dentro do curso, é isso que defendo nas próximas linhas.

Assim, inicio no capítulo 1(um), com uma conversa franca entre vozes e pensamentos que refletem o contexto de uma forma geral o curso de pedagogia, suas varias faces e sua imagem nacional dentro da realidade brasileira. Acrescento por concordar com Jean Houssaye sobre a insegurança na autonomia da pedagogia e das ciências da educação, devido à necessidade de se legitimar em vias jurídicas, embasadas em concepções positivistas, que de fato não tem profunda importância em suas definições mais significativas.

Em seguida, o capítulo dois traz uma análise prática, e o diálogo orientado ao programa no campo de projetos do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília. Desta forma, expor a ideia da formação de professores para a liberdade e autonomia valorizando a construção do sujeito, juntando a uma análise do currículo acadêmico relacionado a traços da realidade vivenciada por meio de projetos.

No capítulo três, resgato o autor Jean Houssaye para continuar a discussão do recente campo da pedagogia social e a formação deste profissional por meio do currículo, e do campo de projetos da Faculdade de Educação, caracterizada pela experiência no projeto 3(três) e (4quatro) por meio da disciplina de economia solidária e educação relacionada nas atividades praticas realizadas com de grupo de trabalho na Associação Atlética de Santa Maria, com crianças em situação de risco e expostas às violências urbanas.

E ainda focar nossa experiência da luta por uma educação além da sala de aula num espaço onde a interação com o sujeito pode ser trabalhado de forma que a criança possa adquirir ferramentas mediadoras de conflitos cotidianos, além de uma educação para a cidadania.

OBJETIVO GERAL

Esse trabalho tem por objetivo estabelecer relação entre o Currículo do Curso de Pedagogia oferecido pela Faculdade Educação da Universidade de Brasília (FE-UnB) e sua contribuição para a formação do pedagogo que pretende atuar com a educação popular, com base na prática docente realizada no campo de projetos.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Apresentar um breve diálogo a respeito de algumas definições do termo pedagogia hoje inseridas no cotidiano acadêmico;

Identificar aspectos importantes que contribuem para a autonomia do projeto acadêmico do curso dentro da Universidade;

Articular a experiência da prática vivenciada aos conceitos de educação popular no que se refere à importância da formação acadêmica para Paulo Freire;

Destacar a importância do pedagogo social em seu campo de atuação;

Apresentar a prática pedagógica no campo de projetos.

CAPITULO 1

A PEDAGOGIA E SEUS CONFLITOS ESTRUTURAIS DE LEGITIMAÇÃO.

“Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo”.

Paulo Freire.

1.1 A pedagogia e sua formação acadêmica constituem saberes legítimos e historicamente legitimados: um pouco da luta dos pedagogos.

A pedagogia, ainda na academia, sofre um pouco por seu histórico conturbado. O campo das ciências da educação ainda nos dias de hoje questionam sobre seu objeto e seus saberes produzidos, ora, o fato de uma corrente filosófica já estar presente no seio da sociedade não exclui a possibilidade da teoria e prática pedagógica ser legitimado, mesmo por fazer parte de todo um conjunto de procedimentos, este é um campo do conhecimento bem específico e diversificado, que está presente em todas as estruturas sociais.

A pedagogia em todo seu percurso histórico sempre foi alvo de diversas abordagens e caracterizações por várias linhas de pensamento, que nem sempre veio a colaborar com o desenvolvimento pleno de suas potencialidades como episteme da educação, muito pelo contrário, os tradicionais teóricos das ciências humanas vêm por questionar sua legitimidade enquanto ciência.

Libâneo, (1998), define a pedagogia como teoria e prática da educação, e a prática educativa como objeto peculiar de estudo da ciência pedagógica que dá aporte às demais ciências da educação e verifica o fenômeno educativo na sua globalidade.

Segundo esse autor, o pedagogo não deve ser um profissional especialista na área das ciências da educação, abordando a ação educativa em suas mais diversas atribuições. Desta forma o curso de pedagogia deve oferecer uma formação teórica científica e técnica com foco para a formação de professores e profissionais da área de educação, não excluindo a possibilidade de contribuição em outras áreas do

conhecimento bem como sua atuação em diferentes setores de atividades de níveis centrais e intermediários do sistema de ensino (políticas públicas para educação, gestão, pesquisa e extensão).

Em posição semelhante, encontramos o autor que define também ainda sobre as passagens do campo disciplinar da pedagogia, Jean Houssaye acaba por tratar a pedagogia em sua obra, Manifesto a Favor dos Pedagogos (2002. pp. 10)

“É uma reunião mútua e dialética da teoria e da prática educativa pela mesma pessoa, em uma mesma pessoa, o pedagogo é antes de qualquer coisa um prático-teórico da ação educativa. O pedagogo é aquele que procura conjugar a teoria e a prática a partir de sua própria ação. É nessa produção específica da relação teoria e prática em educação que se origina, se cria, se inventa e se renova a pedagogia.

Já Durkheim (1985, p. 51) define a pedagogia como uma arte de educar que é adquirida com a vida social, assim em suas palavras descreve:

“É um sistema de modos de fazer, que são ajustados para fins especiais e são o produto, seja de uma experiência tradicional comunicada pela educação, seja da experiência pessoal do indivíduo”

Tal, afirmação de fato, é o reflexo de um pensamento clássico, oriundo do campo da filosofia, onde num contexto moderno de pensamento da educação não se aplica. Em contraposição a Durkheim, e seguindo a linha de pensamento semelhante à Houssaye, Michel Fabre introduz o pensamento de que a pedagogia ocupa diversos espaços privilegiados de referência e expressão, e não pode ser caracterizada meramente como arte e define:

“A pedagogia é, portanto, uma reflexão sobre minha ação educativa em vista de melhorá-la, uma dialética teoria prática na qual eu trabalho as resistências de meus alunos e as minhas próprias”.

A partir das contribuições em termos práticos e do diálogo aberto em vistas as definições propostas da pedagogia, podemos entender melhor e desenhar a

pedagogia como disciplina, no campo curricular e específico de sua formação. Assim, existem muitos segmentos que orientam a prática pedagógica em sua atualidade, a princípio, tomemos como base o artigo 4º do CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/CONSELHO PLENO (CNE/CP) Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006, onde o texto se segue:

“O curso de Licenciatura em Pedagogia **destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio**, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos”. (grifo meu).

Esta regulamentação traz em seu plano a inovação do sistema educacional, tratando por ampliar o campo de ação do pedagogo bem como acabar com as habilitações do curso de pedagogia, passando este a ser um profissional completo da área e ainda institui a obrigatoriedade do curso superior para fins de docência assim, o CNE/CP- 1/ 2006 ainda traz em seus artigos 10º e 11º:

Art. 10. As habilitações em cursos de Pedagogia atualmente existentes entrarão em regime de extinção, a partir do período letivo seguinte à publicação desta Resolução.

Art. 11. As instituições de educação superior que mantêm cursos autorizados como Normal Superior e que pretenderem a transformação em curso de Pedagogia e as instituições que já oferecem cursos de Pedagogia deverão elaborar novo projeto pedagógico, obedecendo ao contido nesta resolução.

A referida resolução apresenta em princípio, contraposição a afirmação de Libâneo (1998), ao se referir à pedagogia como um campo aberto e ligado as ciências da educação, no entanto, a importância de sua formação está ligada ao aporte teórico e prático do ato de ensinar presentes em suas normas e seus saberes destacados a importância de se pensar uma formação capaz de compreender estes âmbitos, bem como esclarecer que em primeiro plano, a formação do pedagogo está diretamente ligada à docência em seus variados espaços, conforme a

regulamentação acima, consolidando um molde para as instituições de nível superior para que estas orientem sua formação tendo em vista a formação do professor.

Sem deixar de verificar as demais determinações que são essenciais na formação do pedagogo enquanto profissional, tratando de sua globalidade conforme artigo anterior o CNE/CP 2006:

Art. 3º O estudante de Pedagogia trabalhará com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos, cuja consolidação será proporcionada no exercício da profissão, fundamentando-se em princípios de interdisciplinaridade, contextualização, democratização, pertinência e relevância social, ética e sensibilidade afetiva e estética.

A partir de uma questão de ética e competência que são essenciais no profissional de sala de aula, e uma abordagem dialética e filosófica sobre a função do educador, toma-se como conclusão a importância de se adquirir recursos para o bom desempenho em sala de aula, e fora do ambiente escolar.

Devido ao caráter cultural do sistema de ensino, os educadores se vêm sujeitos a cumprir a cartilha do bom educador, mesmo que de certa forma ele possua um caráter crítico em relação ao currículo que por ele será apresentado. A questão da ética, competência se mescla com o significado de saber fazer bem, que são essenciais na atitude tomada pelos profissionais da educação.

”A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) dispõe sobre todos os aspectos do sistema educacional, dos princípios gerais da educação escolar às finalidades, recursos financeiros, formação e diretrizes para a carreira dos profissionais do setor.”

L.D.B 9.394/ 1996

Portanto, deve ser de comum conhecimento, que por via legal, a regulamentação do curso de pedagogia deve instituir parâmetros com o fim de proporcionar uma formação acadêmica onde o seu egresso seja capaz de exercer a profissão com vistas às atribuições que se espera de um pedagogo, que ele seja

capaz de pensar sua prática a partir de sua própria ação, ter ciência de educar para a consciência e cidadania, trabalhando com ética e compromisso com o seu educando, e principalmente ciente que este profissional não é limitado ao espaço escolar convencional, ele abrange todo o campo da educação agindo de diversas formas e em varias situações. É esta formação que espera das Instituições de Ensino Superior (IES).

A formação acadêmica do pedagogo constitui-se de uma problemática muito comum na IES, diante deste diálogo, conforme revisado e cuidadosamente elaborado por profissionais cujo compromisso é com a qualidade da educação, o CNE/CP 2006, abrange de forma completa as dimensões da formação acadêmica, deixando claro, seus objetivos e o que se espera de produto final na graduação. Ainda dentro deste documento, verifica-se a preocupação com cada aspecto de sua característica, onde se melhor exemplifica conforme o artigo 7º, incisos I, II E III de seu respectivo artigo, da CNE/CP 2006:

O curso de Licenciatura em Pedagogia terá a carga horária mínima de 3.200 horas de efetivo trabalho acadêmico, assim distribuídas:

I - 2.800 horas dedicadas às atividades formativas como assistência a aulas, realização de seminários, participação na realização de pesquisas, consultas a bibliotecas e centros de documentação, visitas a instituições educacionais e culturais, atividades práticas de diferente natureza, participação em grupos cooperativos de estudos;

II - 300 horas dedicadas ao Estágio Supervisionado prioritariamente em Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, contemplando também outras áreas específicas, se for o caso, conforme o projeto pedagógico da instituição;

III - 100 horas de atividades teórico-práticas de aprofundamento em áreas específicas de interesse dos alunos, por meio, da iniciação científica, da extensão e da monitoria.

Dentro da carga horária específica regulamentada do pedagogo, podemos acrescentar aspectos necessários à sua formação, para isso, Paulo Freire (1996), nos mostra que o professor deve estar ciente de preceitos que orientam sua prática para que este não seja um educador conteudista, reproduzidor de estruturas tradicionais de ensino, e de metodologias ultrapassadas de linhas de pensamento, que esmaga o brilho de educar para a libertação, são atributos da prática formadora o ato de ensinar e aprender, Para Freire, (1996),

“É neste sentido que ensinar não é transmitir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam não se reduzem a condição de objeto um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. (Pedagogia da Autonomia, pp. 12).

1.2 A questão da Libertação

Na obra de Demerval Saviani encontramos a preocupação de se superar aspectos intrínsecos da atividade do pedagogo, que é a transmissão-assimilação do saber sistematizado, e a partir desta evolução educar para a autonomia, resulta:

“A liberdade só será atingida quando os atos forem dominados. E isto ocorre no momento em que os mecanismos forem fixados. Portanto, por paradoxal que pareça, é exatamente quando se atinge o nível em que os atos são praticados automaticamente que se ganha condições de exercer, com liberdade, a atividade que compreende os referidos atos. Então a atenção se liberta não sendo mais necessário tematizar cada ato.”

Norteados, pela utopia de Paulo Freire, no que se refere à formação do pedagogo, verifica-se certa falha na formação acadêmica presente nas IES

brasileiras, de fato percebemos nestas estruturas, situações totalmente antagônicas aos princípios norteadores da prática pedagógica, onde os professores não agem como pedagogos, estes diferem seu discurso da sua própria prática, e acabam por reproduzir valores ultrapassados, utilizando de uma educação bancária devido a inconsistências na formação.

O fato de concluir o curso e não adquirir ferramentas essenciais para a docência vem se tornando o grande mal da pedagogia nos últimos tempos, formados por uma tendência inovadora baseados nos preceitos da escola nova, vários dos professores recém-formados não trazem consigo o compromisso de educar para a liberdade e para a consciência, não por alienação e sim por carência na formação.

Para tanto, a conscientização deve vir para retomar o caminho da esperança, no compromisso de luta que se findou na conclusão do curso, para Freire em *Conscientização* (1979):

“A conscientização é, neste sentido, um teste de realidade. Quanto mais conscientização, mais se “desvela” a realidade, mais se penetra na essência fenomênica do objeto, frente ao qual nos encontramos para analisá-lo. Por esta mesma razão, a conscientização não consiste em “estar frente à realidade” assumindo uma posição falsamente intelectual. A conscientização não pode existir fora da “práxis”, ou melhor, sem o ato ação – reflexão”.

Esclareço por adequar o grande valor de uma pedagogia histórico - crítica, na realidade educacional que envolve a formação de professores nas IES brasileiras, primadas na utópica e revolucionária produção de Paulo Freire ressalvadas as especificidades de cada contexto, que faz da educação não apenas um campo disciplinar como também um compromisso de luta e um vínculo de amor, um sentido de luta para a mudança do quadro social.

Enquanto o trabalhador não puder comprar uma casa das muitas que constrói, por tudo que lutamos está errado, não estamos esclarecidos. A educação para além da prática docente deve ser um compromisso do pedagogo, ou mesmo

uma opção, para que nossas políticas de educação sejam capazes de acentuar a desigualdade que ainda assombra grande parte da população.

Gramsci, em 1932, quando o Brasil apresentava o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, preconizou a utopia da educação que era necessária, onde escreve:

“Ainda se esta na fase romântica da escola ativa, na qual os elementos da luta contra a escola mecânica e jesuítica se dilataram morbidamente por causa do contraste e da polemica; é necessário entrar na fase 'clássica', racional, encontrando nos fins a atingir a fonte natural para elaborar os métodos e as formas" (Gramsci, A. Os intelectuais e a organização da cultura, p.124).

É justamente esta emancipação que buscamos hoje, muitos educadores ficam presos ao conteúdo, na realidade atual da educação brasileira, onde acabam por reproduzir uma educação centrada no conhecimento científico sistematizado, tratando-se da realidade da sala de aula. Para Freire, a formação pedagógica deve deixar internalizada como contribuição para o educador, características humanas, valores de luta e de insatisfação com o sistema educacional no intuito de sempre buscar um salto qualitativo. Em *Pedagogia da autonomia* (p. 76 - 77):

”A mudança no mundo implica a dialeção entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho. É a partir deste saber fundamental: mudar é difícil mais é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o objeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças (...). O êxito de educadores está centralmente na certeza de que é possível mudar, é preciso mudar e que preservar situações concretas de miséria é uma imoralidade”.

Completa para Saviani (*Pedagogia histórico-crítica* 1944. P 11):

“Isto porque o homem não se faz homem naturalmente; ele não nasce sabendo ser homem, vale dizer, ele não nasce sabendo sentir, pensar, avaliar, agir. Para saber pensar e sentir; para

saber querer, agir ou avaliar e preciso aprender, o que implica o trabalho educativo. Assim, saber que realmente interessa a educação é aquele que emerge como resultado do processo de aprendizagem, como resultado do trabalho educativo”

Segundo Saviani e Freire, perfil do pedagogo deve vir primeiramente de sua formação acadêmica como um todo durante seus processos de socialização dentro da universidade e seus campos de atuação. Nesta linha de pensamento, verifica-se a preocupação da Universidade de Brasília em ajustar o currículo acadêmico do profissional de pedagogia por vias legais partindo de preceitos da própria consciência ética, utilizando de um currículo com uma base teórica singular ao pedagogo e uma liberdade, no direcionamento de sua própria formação teórica, prevendo a emancipação. Base singular esta com vista à docência, cerca de metade de sua carga horária e de currículo a este fim, e o restante se caracteriza como responsabilidade do estudante, a consciência para uma formação plena e justificada.

CAPÍTULO 2

O PROJETO ACADÊMICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO.

“A reforma do ensino deve conduzir a reforma do pensamento e a reforma do pensamento deve conduzir à reforma do ensino”.

(Projeto acadêmico do curso de pedagogia da Universidade de Brasília – Dezembro de 2002.).

2.1 A questão do currículo no curso de pedagogia: em defesa de uma educação para a consciência.

O projeto Acadêmico da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília vem por atender as exigências legais, propostas pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), utilizando de elementos como os Parâmetros Curriculares Nacionais da Educação Básica e as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação propostos pelo Conselho Nacional de Educação, além das metas fixadas no Plano Nacional de Educação no que se refere à formação e valorização do Magistério, ainda orientados conforme a resolução do CEPE nº 219/96. Assim conforme o Artigo primeiro do Anexo ao Regimento Geral da Universidade de Brasília no que se refere ao curso de licenciatura em pedagogia:

“O Curso de graduação em Pedagogia resultará no diploma de Licenciado em Pedagogia e destina-se à formação de profissionais para o magistério de educação infantil e início de escolarização para os diferentes sujeitos da aprendizagem no ensino fundamental e para a gestão do trabalho pedagógico em espaços escolares e não escolares.”

Por determinações legais da Resolução CNE/CP 02/2002 o projeto acadêmico mantém a formação em licenciatura plena, com duração de 4 (quatro) anos com a carga horária de 214 (duzentos e catorze) créditos divididos em disciplinas Obrigatórias, perfazendo um total de 92 (noventa e dois) créditos de conteúdos científico-culturais, Optativas num total mínimo de 44 (quarenta e quatro) créditos de mesma natureza.

Projetos de prática como componente curricular e Estágio supervisionado de no mínimo 24 (vinte e quatro) e máximo de 50 (cinquenta) créditos além de até 24 créditos relativos a estudos independentes que prima pela busca de enriquecimento de sua formação em todo e qualquer ambiente onde tal possa se verificar por exemplo: congressos, estágios, estudos complementares fora da instituição durante o período do curso.

O curso de pedagogia da universidade é baseado na obtenção de créditos por disciplina, a pontuação do crédito está diretamente relacionada à carga horária desta, sendo assim, disciplinas com carga de 30 horas semestrais correspondem a 02 créditos 60 horas são 04 créditos, 90 horas 06, e 120 são equivalentes a 08 créditos, sendo que na FE-UnB as disciplinas com maior carga horária são no campo de projetos onde é atribuída uma importância maior, pois é o eixo da formação técnico-científica do estudante. No Artigo 3º do Anexo ao Regimento Geral da Universidade de Brasília Parágrafo 2º e 3º:

“Serão exigidos um total de 28 (vinte e oito) créditos obrigatórios em projetos correspondente ao Projeto I de Orientação vocacional integrada(4 créditos), ao Projeto 4 de pratica da docência (16 créditos) e ao Projeto 5 de Trabalho Final de Curso (8 créditos). Totalizando 420 (quatrocentos e vinte) horas. Serão também exigidos um total de 18 (dezoito) créditos optativos correspondentes à pratica com o componente curricular no Projeto 3 de pesquisa e extensão.”

Este ultimo dividido em 3 (três) etapas, que são os chamados Projeto 3 Fases A, B e C de 6 (seis) créditos cada etapa, que serão ofertados em períodos diferentes no fluxo da graduação. O campo dos projetos é muito vasto dentro da universidade

podendo ser trabalhado sob orientação de um professor sobre o comando de algum projeto de extensão ou não.

A realidade do mundo do trabalho nas estruturas sociais vigentes se configura numa intensa transição atrelada aos processos produtivos em consonância com a incorporação da tecnologia ocasionada pela globalização²³. Desta forma o sistema produtivo modificou as relações de trabalho com o passar dos anos, inclusive as relações de educação e trabalho, assim a demanda social passou a exigir dos trabalhadores novas habilidades e conhecimentos, comparados as exigências do período industrial brasileiro, foco central de nossa discussão, é a partir daí que surgem novos parâmetros de organização de trabalho e de educação para realidade nacional.

A partir desta concepção, a Faculdade de educação da Universidade de Brasília, abriu o campo de discussão para a formação de um estudante trabalhador, para que este, ao mesmo tempo, que, adquira sua formação superior continue em seu processo de produção, para que este não limite sua atividade diária na formação acadêmica.

Assim, Projeto acadêmico do curso de pedagogia (2002. p. 5),

O curso de pedagogia na Universidade de Brasília considera a formação docente do pedagogo essencial, mesmo que este não tenha destino profissional à atuação como professor. Pretende o curso formar também o pesquisador educacional, com base numa formação teórica, científica e técnica, ancorada na contribuição das ciências sociais e humanas aplicadas à educação.

No nosso entendimento, o curso deve também formar um profissional qualificado para participar de projetos de formação em ambientes não escolares bem como assumir o exercício de atividades não docentes em instituições de ensino. Sem querer formar nem um generalista nem um especialista, o curso visa formar um educador capaz de inserir sua intervenção profissional no desenvolvimento do ser humano

nos vários ciclos da vida, respeitando as formas e contextos apropriados a cada um destes.

Partindo de sua concepção de formação baseada em processos formativos no que se refere à aprendizagem o projeto do curso defende a criação de espaços abertos contínuos para a evolução do processo de construção da formação acadêmica. Com o passar dos anos houve reformulações profundas no curso de pedagogia, que propõe um projeto com vistas à promoção da consciência. Trazendo como foco principal da discussão, ainda o Projeto acadêmico do curso de pedagogia (2002. p. 8):

Torna-se claro que a ênfase ate recentemente sobre o ensino e a difusão do conhecimento esta se deslocando para o ato de aprender, pensar e criar autônoma e coletivamente. Os profissionais da educação, conseqüentemente, são chamados a ter como centro de sua atividade profissional o acompanhamento e o gerenciamento dos aprendizados incitando o intercambio dos saberes, a mediação relacional, simbólica e monitoramento dos percursos de aprendizagem.

Ora, numa perspectiva formativa, inovadora e baseada na emancipação do sujeito é natural, um modelo de educação que vise à liberdade do mesmo em seus processos de formação, pois não se trata apenas de formar profissionais competentes em determinado saber, é necessário formar pessoas esclarecidas e autônomas capazes de intervir na realidade de forma crítica e contextualizada. Este modelo de educação tem por objetivo atender as determinações na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Superior presentes na lei 9.394/1996 e o próprio projeto acadêmico do curso, por meio de oferta de disciplinas e condições para que seja constituída esta autonomia.

De fato o projeto acadêmico do curso de pedagogia da FE-UnB, traz um discurso, centrado na perspectiva democrática, regrada de princípios libertários com objetivos de formar profissionais comprometidos com seu processo de auto-educação, utilizando os espaços da universidade como meio de atingir este objetivo. Assim o estudante poderá conhecer a diversidade de sua formação com intuito de

se inserir no mundo do trabalho, conforme o perfil desenhado por ele mesmo durante o curso.

No entanto o projeto em determinados casos no que se refere à orientação educacional, causando a muitos estudantes ingressos o estranhamento deste modelo aberto. A responsabilidade e a autonomia custam um determinado tempo para ser assimilada e este pode ser essencial na qualidade da formação oferecida, o estudante que acaba por iniciar o curso ainda dispõe de fragilidades constituídas da educação básica que o projeto 1 do currículo acadêmico não consegue suprir.

E acaba por muitos estudantes concluírem o curso e não perceberem que o projeto visa à autonomia do sujeito para que este escolha a direção de sua formação, e acabam por fazer a crítica a uma liberdade desnecessária, o que já foi superado pela equipe gestora revisado pelo conselho e instalado em suas estruturas.

O currículo, pelo projeto acadêmico oferecido, traz também um aspecto importantíssimo em seu texto, que é a formação pelos projetos, os seminários interdisciplinares, os estudos independentes, as disciplinas optativas e base docente. Esta última de maior relevância no que diz respeito à formação do pedagogo, pois estes saberes são essenciais para as ciências da educação.

As práticas educativas e o exercício da docência, característica esta essencial do pedagogo. Ainda no campo das obrigações acadêmicas, merece destaque o campo de projetos que por sua vez também se configura por obrigações dentro da academia, onde ele é obrigatório, no campo teórico, do início a fim do curso de pedagogia. Este é o campo disciplinar em que ocorrem a escolha da profissão e as primeiras práticas educativas dos mais diversos setores abraçados pela pedagogia. A este respeito, conforme o CNE/CP 2006,

Art. 6º A estrutura do curso de Pedagogia, respeitadas a diversidade nacional e a autonomia pedagógica das instituições, constituir-se-á de:

(...)

e) aplicação, em práticas educativas, de conhecimentos de processos de desenvolvimento de crianças, adolescentes, jovens e adultos, nas dimensões física, cognitiva, afetiva, estética, cultural, lúdica, artística, ética e biossocial;

O campo dos projetos é onde o pedagogo assume sua função, é o momento de articulação teoria e prática, a grosso modo, é por meio desta experiência que o sujeito exercitará a ação-reflexão-ação que de certo será sua orientação mais fiel da prática que estiver inserido. O projeto acadêmico faz menção ainda sobre a pesquisa e a extensão universitária compartilhando os mesmos princípios do campo dos projetos a relação teoria e prática. Por fim o trabalho final do curso, é a via onde o formando se encontra dentro de sua formação formativa.

2.2 A experiência com o currículo da Pedagogia no campo de projetos

A experiência com o currículo acadêmico dos componentes curriculares no que se refere aos projetos 3(três) e 4(quatro) do curso de pedagogia, nos traz a realidade da prática docente, é um campo onde o estudante não pode fugir de sua formação, ainda que é preciso deixar claro que a pedagogia é em sua primeira missão formadora do educador voltado à docência, que por diversos egressos foi rejeitada.

No período de formação diversos estudantes questionam sobre a realidade da prática docente dentro da formação recebida, temas principais de congressos como Enepe, Fonepe, rodas de debate entre outros. Estudantes utilizam da crítica quanto à formação, quando no aspecto real o despreparo com situações didáticas ocorrem na prática pedagógica.

A formação acadêmica discutida acima evidenciada quanto sua obrigação, nos traz informações bem sucintas onde, cerca de 43% da carga horária do curso de pedagogia é de obrigatórias que dão um aspecto geral na formação do profissional

as demais componentes curriculares são de escolha do estudante que tem total autonomia para desenhar sua formação por meio de um grande leque de opções.

A crítica não está centrada na formação acadêmica e sim no efetivo despertar da consciência dos estudantes quanto a seus compromissos diante da responsabilidade a que é submetido. Não isentos da responsabilidade da fragilidade da formação do egresso, estão os formadores, tem o compromisso de formar opinião e incentivar a autonomia para a nova educação seja capaz de modificar as estruturas sociais cada vez mais desiguais para que estes sejam capazes de educar para a liberdade.

No campo de projetos, esclareço com destaque para a Economia Solidária²⁴ e Educação Popular, disciplina que abrange a área de Educação e Trabalho, assim conforme o curso de Economia Solidária:

“Um dos projetos oferecidos ao currículo, desde 2003, tem sido o de Economia Solidária e Educação, que requer conhecer e praticar as metodologias de educação popular e desenvolver a pedagogia autogestionária em diferentes espaços de aprendizagens”. As atividades apresentadas nesse projeto têm como propósito apresentar o campo da Economia Solidária como movimento social e como política pública, de modo que permita o exercício da práxis pertinente à formação de pedagogos sociais e educadores em geral.

O conhecimento oferecido pela Economia Solidária pode oferecer os dispositivos necessários a uma pedagogia do engajamento, por meio da prática da educação popular com crianças, jovens, adultos e idosos, em ambientes de aprendizagem escolar e não escolar. A abordagem freiriana ação-reflexão-ação será desenvolvido ao longo do projeto”.

Durante o primeiro semestre do ano de 2011 a Professora Sônia Marise Salles Carvalho ministrou a disciplina Projeto 3 na Faculdade de Educação. Tendo como objetivo o de identificar a Economia Solidária no Brasil e no Distrito Federal e Entorno²⁵ com objetivo de conhecer e participar do movimento de Economia Solidária e Educação Popular; relacionar o movimento com as propostas

pedagógicas e os processos educativos; realizar pesquisa sobre o mundo do trabalho, desenvolver ensino e extensão com a temática Educação e Trabalho na perspectiva da Economia Solidária.

Para Freire, em *Ação Cultural para a Liberdade* 1981, (p. 41):

“O ato de conhecer envolve um movimento dialético que vai da ação a reflexão sobre ela e desta uma nova ação”. Para o educando conhecer o que antes não conhecia, deve engajar-se num autêntico processo de abstração por meio do qual reflete sobre a totalidade “ação-objeto” ou, em outras palavras sobre formas de “orientação no mundo”.

A necessidade de reorganização do fluxo acadêmico anexado a reciprocidade do professor naquele momento foi fundamental para que houvesse o engajamento na proposta da disciplina. O professor torna-se orientador do estudante no momento em que este se sente abraçado pelo professor, assim, relações de confiança são importantíssimos fatores que fazem do estudante um ser comprometido com o professor e pela proposta do projeto que este lhe apresenta, assim, Freire em *conscientização* 1979 (p. 32):

“O verdadeiro humanista reconhece-se mais pela confiança nos homens que o conduzem a comprometer-se numa luta que nas milhares de ações que pode empreender por eles, sem esta confiança”.

De fato, as relações de confiança não se dão por uma causa de luta, e sim pelas relações das pessoas, da criação de vínculos, um voto de confiança inicial trouxe o sentimento de reciprocidade, e estas relações geraram um compromisso. Preceito fundamental para a orientação acadêmica com vistas à conclusão do curso, direcionamento da linha de pesquisa e campo de atuação do estudante. Ainda no projeto acadêmico, no que se refere à orientação:

“Tem ela como objetivo de acompanhar individualmente cada sujeito aprendiz no seu itinerário acadêmico desde a sua admissão no Curso de Pedagogia até a sua formatura. A orientação vem então complementar no âmbito institucional, o processo de avaliação, conduzido entre discentes e docentes

nos vários espaços curriculares. É a forma institucionalizada de garantir que não se percam os elementos trazidos pela avaliação da aprendizagem e aproveitá-los da maneira mais contínua e sistemática acumulando informações e utilizando-as na sequência de atividades no curso.”

O campo dos projetos apresentou como característica fundamental a experiência da prática pedagógica e o contato direto com a comunidade, em especial o projeto de Economia Solidária e Educação Popular têm como objetivo, em específico, a troca de saberes e construção do conhecimento dentre os envolvidos, onde os estudantes utilizam o ambiente com todas as suas especificidades e praticam conceitos acadêmicos, baseado numa proposta orientada na produção de Paulo Freire, onde a comunidade participa do processo de construção do conhecimento junto com a os estudantes e compartilha dos resultados obtidos, da mão de obra acadêmica, da sistematização e elaboração de projetos e constroem o saber junto à universidade.

Segundo Freire para que a educação seja transformadora, não basta impor e ditar regras de boa convivência, mas dar sentido a elas em um ato de conscientização.

“Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social, histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar” (FREIRE, 2007, P. 41).

Minha participação dentro do campo dos projetos foi de uma intensa e tamanha relação de compromisso e engajamento, que pude desfrutar de todas as etapas oferecidas e disponíveis no programa do curso. O trabalho com a comunidade é, no mais amplo sentido, a obrigação da universidade enquanto instituição social formadora de opinião e de mão de obra qualificada. A prática pedagógica desempenhada no cenário da educação popular em comunidade foi

extremamente importante para minha formação intelectual, social e pessoal numa dimensão econômica e política.

A formação em economia solidária diferente da prática docente em sala de aula dispõe de diversos elementos que são necessários a formação acadêmica de ambos, que a partir dela o estudante entra em contato com a metodologia desse espaço curricular que abrange o Curso de Economia Solidária:

“Formação teórica sobre os conceitos pertinentes ao campo da economia solidária e da educação popular, por meio de atividades presenciais em sala de aula e não presenciais pela plataforma Moodle; Formação empírica com acompanhamento de grupos populares; Planejamento e replanejamento de ações desenvolvendo a práxis.”

Pensar os projetos disponíveis para a formação acadêmica juntamente com suas várias áreas de atuação e não realizá-lo com autonomia, criticidade e compromisso, o estudante não vai contribuir no sentido de sua formação, ele estará produzindo um dever de casa, ou realizando uma pesquisa sem finalidade. A academia exige de seu egresso autonomia em todos os seus processos relacionados a prática docente e uma boa formação profissional passa pelo engajamento no projeto escolhido.

Por mais que as dificuldades tomem conta da realidade vivenciada, diante do planejamento construído. A faculdade de educação tem uma variedade imensa no campo de projetos que abrange grande parte da multiplicidade do campo de ação do pedagogo, no entanto, chegar a um nível de satisfação da comunidade ainda é uma tarefa muito difícil de ser cumprida.

O projeto acadêmico, na maioria das vezes atende a sua missão, mas ainda tem defeitos evidentes que comprometem a qualidade da formação oferecida. Cabe a comunidade da Faculdade de Educação repensar suas prioridades para que esta não fique limitada ao mínimo que uma grande instituição pode fazer para além da produção acadêmica.

O curso de pedagogia no campo de projetos me permitiu vivências que me caracterizavam como um pedagogo social, a formação teórica, realidade prática

exigiam comportamentos e atitudes semelhantes ao profissional da educação em espaço não escolar junto da comunidade. O projeto 4(quatro) que corresponde a prática pedagógica trouxe uma contribuição imensa para a formação acadêmica, utilizar conceitos teóricos no processo de ação-reflexão-ação trouxe embasamento para a prática propriamente dita, e auxilia de diversas formas no diagnóstico e planejamento de qualquer programa de intervenção que posteriormente pode vir a ser implementado.

O projeto 4(quatro) é o lugar da prática pedagógica, a partir desta experiência orientada os estudantes tem as ferramentas necessárias para a prática docente e pedagógica nos diferentes espaços, pude verificar a variedade de situações problemas identificadas na realidade de uma comunidade, pensando numa prática dentro de um espaço onde a predominância é de crianças em situação de vulnerabilidade social, conforme a realidade vivenciada no espaço do projeto.

CAPITULO 3

AS CONTRIBUIÇÕES DO PEDAGOGO SOCIAL NO CAMPO DE ATUAÇÃO.

“Na consciência ingênua há uma busca de compromisso; na crítica há um compromisso e, na fanática, uma entrega irracional”

Paulo Freire.

3.1 Princípios teóricos da Pedagogia Social.

Marcado por um passado recente, a evolução da terminologia no que se refere à Pedagogia Social vem de um processo gradativo e coletivo de diversas partes do mundo, vistas a configuração do seu campo de trabalho, perfil de profissional e regulação da profissão de pedagogo social. Campo este constantemente em discussão principalmente no Brasil, já que sua formação acadêmica se refere ao campo da Pedagogia, onde sua formação inicial está baseada na prática docente da educação formal²⁶ regular e escolar. A criação da Lei 9.394/96 manteve o foco da formação na prática docente, mas felizmente fragmentou o campo de atuação do profissional da pedagogia.

A pedagogia social passa por uma variedade de conceituações, dentre elas a que se confunde ao trabalho social no que se refere ao ajudar e cuidar, diferentemente deste, a pedagogia social se caracteriza por sua perspectiva pedagógica e educativa. No Brasil, seu referencial teórico está voltado principalmente nas obras de Paulo Freire que é considerado o grande inspirador da pedagogia social, mesmo que na sua produção o termo não tenha sido citado.

A pedagogia social estrutura-se em torno educação de adultos e idosos, inserção e adaptação social e ação socioeducativa, que encontramos na obra Freiriana em diversos campos de ação. Desta forma a pedagogia social segundo Evelcy Monteiro Machado, em *A Pedagogia Social: Reflexões e Diálogos Necessários*. (p. 122):

“A pedagogia social é entendida como ciência pedagógica da inadaptação social, da educação para a paz, da educação cívica e política, sobre a ação educativa nos serviços sociais, da marginalização social e dos meios de comunicação social”. Defende-se uma educação para a democracia, liberdade e igualdade. Envolve-se família, escola, igreja, governo (...) como partes da realidade social, (...).

Apesar das intervenções sócio educacionais se consolidarem na educação não formal, a Pedagogia social não tem uma definição firmada, no entanto sua complexidade faz-se exigir aprofundamento. Para Trilla (1993):

“A educação não formal costuma ser mais hábil, flexível, versátil e dinâmica que a formal. Nasce como uma contribuição ao atendimento daqueles que se encontram excluídos de qualquer proteção necessária para seu desenvolvimento. Não é uma solução. Mas uma complementação as demais formas de educação”.

Em relação à formação do pedagogo social em Pedagogia Social (2011) Roberto da Silva, João Clemente de Souza Neto e Rogério Moura:

“Em nível de graduação, apontamos insuficiência do currículo dos cursos de pedagogia para proporcionar uma formação que habilite o (a) futuro (a) profissional a trabalhar a complexidade dos problemas sociais que são subjacentes ao processo de ensino aprendizagem e que na maioria das vezes são exteriores à escola. Mas nela produzem seus efeitos mais imediatos, tais como a pobreza, desemprego, violência, a baixa escolaridade dos pais, desorganização familiar, a gravidez na adolescência, paternidade precoce, o alcoolismo e as drogas entre outros”.

Neste sentido, o terceiro setor, conhecido como Organizações não Governamentais (ONG's) e Associações sem fins lucrativos, desempenham um papel de instituição social no sentido de amparar aqueles que tiveram a oportunidade de uma formação integral ou mesmo reintegrar os que foram marginalizados. O problema maior é muitas vezes os espaços não legítimos de

atuação das ONGs, que não possuem recursos financeiros para contratar educadores profissionais, nem estagiários dos cursos de graduação e acabam por contratar educadores sem qualquer formação profissional, ou mesmo voluntariados.

O projeto de Economia Solidária e Educação realizada durante o período de formação no campo de projetos da formação acadêmica da faculdade de educação da Universidade de Brasília traz a experiência de aspectos da pedagogia social no trabalho socioeducativo com crianças em situação de risco da Cidade de Santa Maria DF e suas implicações tomando como base o referencial teórico orientado, com vistas à formação teórico-prática do pedagogo social.

Este trabalho caracteriza o resultado da experiência vivenciada e orientada de estudantes de Pedagogia e outros cursos da Universidade de Brasília na cidade de Santa Maria. Tratam-se das relações e atividades desenvolvidas, construídas e ordenadas ao longo do semestre no trabalho com a economia solidária e educação popular oriundo de uma parceria da Universidade com a Associação Atlética de Santa Maria, que realiza um trabalho social onde o principal foco é um trabalho preventivo para evitar que as crianças e jovens cheguem às drogas.

O projeto proposto, discutido e orientado, trabalha no sentido de fortalecer, contextualizar e aperfeiçoar o trabalho feito na associação, que não se define apenas no trabalho preventivo, existe também diversas atividades para toda a comunidade, aplicando relacionando e refletindo o conhecimento teórico e prático nas mais diversas realidades, tendo como base este espaço.

3.2 Prática pedagógica: A experiência do Projeto de Economia Solidária e Educação Popular da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília na Associação Atlética de Santa Maria DF.

O projeto 3 (três) de economia solidaria e educação trouxe novidades para a formação acadêmica, além dos conceitos mais utilizados para definir a economia solidária, foi apresentado e amplamente estabelecido pela proposta da disciplina a necessidade do engajamento com a proposta do programa, foi acrescida ainda os

desdobramentos que este engajamento trouxe como valores morais que um profissional da educação deve ter para que este tenha sucesso em sua trajetória acadêmica, compromisso, solidariedade, responsabilidade, assiduidade, respeito entre outros mais que é fundamental para o trabalho com comunidade.

A educação e formação na economia solidária se caracterizam como um campo de fundamental importância no contexto capitalista da sociedade brasileira, no geral é preciso conhecer todos os princípios e o trabalho da economia solidária para que se possa compreender a dimensão que trata essa outra economia. Os valores que envolvem a economia solidária vão além do simples ato solidário, é uma conscientização real de toda uma realidade social em que se está inserido, não obstante, a educação para o ato solidário tem uma série problemáticas que é criada.

A partir do conceito de cultura ocidental, desta forma é culturalmente transmitido saberes e costumes que vão contra o ato e o bem social, desta forma Sonia M. Portella Kruppa em Economia Solidária e Educação de Jovens e Adultos; Inep Brasília | DF | 2005. P.19 afirma:

'A Economia Solidária é um ato pedagógico em si mesmo, na medida em que propõe nova prática social e um entendimento novo dessa prática. A única maneira de aprender a construir a Economia Solidária é praticando-a. Mas, seus valores fundamentais precedem sua prática. Não é preciso pertencer a uma cooperativa ou empreendimento solidário para agir solidariamente. Esse tipo de ação é frequente no campo político e no campo das lutas de classe, sobretudo do lado dos subalternos e desprivilegiados. '

Assim, a prática do ato solidário necessita de alguns pré-requisitos básicos que podem ser adquiridos a partir de experiências construtivas que visam o desenvolvimento destas atribuições de modo que valorize o respeito, compromisso, amor, e a ética. Esta formação, valores estes que estão ligados ao bem comum e alicerces de uma nova sociedade.

Em um meio em que prevalece a Economia Solidária constituem desde cedo situações definidas por comportamentos recíprocos de ajuda mútua. Aprenderão que as pessoas diferem, mas que essas diferenças provêm do meio e da educação.

Paulo Freire sempre seguiu um ideal marxista de classe, e partindo do modo de produção capitalista nunca deixou de lutar pela transformação da sociedade e de questionar o poder dominante. De forma alguma abriu mão do pensamento da mudança radical na estrutura social, da luta pela construção de uma sociedade igualitária, tanto do ponto de vista econômico e democrático como do ponto de vista político e educacional.

Daí a educação como forma de ação cultural para a cidadania tem o caráter de transformação, consciência para compreensão das desigualdades encontradas na realidade e a educação pode dar as ferramentas a decodificação destas estruturas e alicerce para as mediações sejam elaboradas de forma a promover inclusão e mais tarde a equidade.

A ideia central do método, proposto por Freire inicialmente caminha do contexto concreto/vivido para o contexto teórico: basicamente parte do princípio de ação, reflexão - ação e exige a curiosidade epistemológica, a rigorosidade, a criatividade, a problematização e o diálogo. Assim, para construir o seu método, Paulo Freire propõe começar com as necessidades/do contexto real e vivenciado e não com categorias abstratas, para isso é necessário ler criticamente o mundo, o que sugere a curiosidade e a rigorosidade, além de ter como produto indispensável dos passos anteriores a capacidade de compartilhar o mundo lido, o que requer o diálogo na produção e reconstrução do saber.

Viver a práxis e construir o conhecimento oferece em especial a necessidade da transformação social, realizar a ação política entre os sujeitos. Deste modo, a base substancial consiste na problematização da realidade, assim podemos articular as relações entre o educador, nas classes populares, utilizando sempre o conhecimento e a prática transformadora. Para Freire não se pode mudar o mundo sem mudar as pessoas, mudar o mundo e mudar as pessoas são processos interligados, educar para a cidadania é educar para acabar com a estrutura desumanizadora do capital baseada no lucro e no individualismo.

A educação formal oferecida pelo estado não é baseada nos moldes para uma educação planetária, cultural. A escola de hoje é resultado da modernidade,

dos interesses das classes dominantes, onde o foco é a manutenção das estruturas conservadoras, e essa é a educação que não satisfaz.

Assim, pensando a educação popular no conceito da economia solidária, Freire (2003, p.52) define o principal fator que catalisa a necessidade de uma mudança radical nestas estruturas, para ele:

“Somente **quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação**, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não se cinja a mero ativismo, mas esteja associado a um sério empenho de reflexão, para que seja práxis”. (grifo meu)

Para Freire, é nesta dialética entrelaçada no processo de se sentir e de se fazer sujeito, que o papel da educação popular se define importante e necessária, como elemento de mediação, por meio da ação cultural, da relação entre a consciência e o mundo. “A pessoa conscientizada é capaz de perceber claramente, sem dificuldades, a fome como algo mais do que seu organismo sente por não comer, a fome como expressão de uma realidade política, econômica, social, de profunda injustiça.” (FREIRE, 1994, p.225).

Contudo, a universalização desta conscientização surge como maior desafio no contexto moderno atual, porque ela se baseia na falência e limitações do capitalismo, ainda que em determinados espaços se constitua como força social, o fato é que ainda está longe de ter um caráter global.

3.3 O projeto em Santa Maria.

A partir da contextualização em que rege grande parte da base teórica apresentada para o trabalho em comunidade por meio do projeto e alicerçado pela produção de Paulo Freire no que se refere à conscientização, podemos realizar as

atividades pedagógicas dentro do espaço de atuação designado. Foi escolhida como campo de atuação inicialmente uma cidade que recentemente ganhou características urbanas devido a um também recente investimento em infraestrutura, e que ainda possui um alto índice de violência urbana das mais variadas categorias. Assim, a cidade de Santa Maria por dois anos foi o local da prática pedagógica proposta pelo projeto de extensão e campo disciplinar dos projetos 3(três) e 4(quatro).

O projeto coordenado pela professora Sonia Marise, atuou juntamente com a comunidade na Associação Atlética de Santa Maria, apesar de esta não ser sua ideia inicial. A proposta inicial do projeto era oferecer um curso de economia solidária em uma escola de ensino médio da cidade. Porém, após alguns encontros, percebemos que a comunidade não teve interesse da proposta da universidade. No entanto a Sra. Amparo (uma das lideranças da cidade) demonstrou interesse no projeto apresentado pelo grupo, estando presente em todas as reuniões, foi decidido que não trabalharíamos mais na escola, mas sim na associação AASM.

Santa Maria é uma cidade satélite do Distrito Federal que compreende as áreas da Marinha e Saia Velha e se localiza a 26 km de Brasília. A cidade surgiu no dia 10 de fevereiro de 1993. Antes de ser considerada uma região administrativa, permaneceu durante algum tempo como área rural da região administrativa II – Gama Durante esse tempo a área estava sem os equipamentos básicos de saúde, educação, segurança, urbanização, saneamento e comércio, marcado por uma forte dependência externa.

A Associação Atlética de Santa Maria (AASM) foi fundada em dezembro de 1998, apesar de já ter começado suas atividades em 1995. Está localizada na entre quadra 417/517 lote “E” Salão de Múltiplas Funções na cidade de Santa Maria. Com o objetivo de retirar das ruas crianças e adolescentes entre 7 e 17 anos de idade e evitar assim possíveis contatos com o mundo das drogas e da violência, a associação oferece várias atividades esportivas, culturais, de lazer e cursos profissionalizantes.

A Associação Atlética recebe e atende cerca de 650 crianças e adolescentes em várias modalidades de esporte, que são: futebol, karatê, capoeira, alguns estilos

de dança e lazer. Na associação também são oferecidos cursos de alfabetização, inclusão digital, manicure, cabeleireiro, costura, bordados, reciclagem e multi-mistura para adultos, com a intenção de formar grupos de geração de renda. Dentre estes segmentos, destaca-se o projeto “Bola no Pé e Escola na Cabeça”, que atende cerca de crianças de 7(sete)a 15(quinze) anos.

O trabalho realizado pela Associação Atlética de Santa Maria (AASM) é essencial para a comunidade local, pois beneficiam crianças, adolescentes e principalmente a família, instituição que carece de organizações como esta para lhe dar suporte e investir na harmonia dos lares. Diante disto, a associação tem a preocupação de manter famílias unidas, distanciando-as da violência e se esforçando para resgatar a boa convivência em sociedade.

Para realizar o seu trabalho ao longo desses anos, a AASM conta com o apoio de parcerias de instituições governamentais e não governamentais, da Administração Regional de Santa Maria e com algumas Secretarias de Governo. A AASM é pessoa jurídica de direito privado, criada na forma de Associação, entidade sem fins econômicos e lucrativos, político-partidários ou religiosos.

A partir daí o projeto começou a ser desenvolvido na AASM. Foram desenvolvidos grupos de acordo com as demandas que existiam na comunidade. Os grupos tiveram a função de apresentar a economia solidária, pensar em estratégias de melhorias dos espaços e em suas atividades, em projetos de sustentabilidade, educação e formas de gerar lucro baseado nos princípios da economia solidária.

A Economia Solidária baseia-se no diálogo, na solidariedade, na autonomia e na autogestão. Para montar estruturas sociais baseadas nessa outra economia é preciso aprender com ela como funcionam os mecanismos específicos de cada espaço. Desta forma, o projeto de Santa Maria contou com bastante empenho de todos os envolvidos que vai desde a universidade e seus representantes como a comunidade.

Partindo da proposta da educação popular Freiriana, o grupo iniciou por realizar uma investigação temática, observando o contexto de modo geral para definir os objetivos, procurando se localizar dentro do espaço, verificando que

materiais poderiam ser utilizados e como pensar num plano de ação sem interferir nas características dos projetos que já eram desenvolvidos até então.

Diante disso foram divididos os estudantes em Grupos de Trabalho, que iria se situar em atividades específicas, no intuito de otimizar o trabalho realizado dentro da associação e aplicando os princípios da economia solidária dentro de cada setor, respeitando o espaço, a história, e todas as relações que já compõem do projeto. Junto com a proposta da associação que em parte se dedica no trabalho preventivo com crianças e jovens de 05 a 17 anos, o grupo de futebol abriga tanto meninos como meninas, sendo que o tratamento é o mesmo seguindo suas especificidades de gênero, tendo como professor/orientador o Sr. José Aroldo Lopes que faz um trabalho voluntário com as crianças.

A proposta do projeto era de um grupo de trabalho relacionado ao de futebol para que por meio deste esporte pudesse trabalhar realidades que precisam ser reforçadas como o meio ambiente, a importância da escola, a família, a higiene, o trabalho coletivo, violência e assim utilizar o futebol como ferramenta que justifique a proposta da educação popular.

Posteriormente, a partir desta realidade foi decidido reorganizar todo o projeto do grupo do futebol, em reuniões entre a Presidente da AASM, o Instrutor Aroldo, alunos da UnB e a Professora Sonia Marise, e ficou decidido desde então objetivos claros que foram decisivos para a contribuição do grupo ao projeto. Na perspectiva da educação popular e economia solidária, o grupo deve proporcionar atividades lúdicas no contexto atual e a partir daí criar situações que favoreçam o diálogo, orientação e construção do conhecimento por meio de oficinas, e roda de debate a respeito de comportamentos específicos.

Apresentamos como objetivo geral, Orientar as crianças (07 a 15 anos) em diversas temáticas cotidianas, ministrar palestras e oficinas lúdicas a partir daí inserir diálogos sobre assuntos acentuados - a respeito da vida social, proporcionar momentos de aprendizagem e inserção cultural por meio de oficinas e debates. A partir das atividades desenvolvidas neste semestre pode-se inferir que o gosto pelo trabalho social e a solidariedade é um estágio muito difícil de encontrar e construir.

O compromisso do profissional de educação com a sociedade ainda é um desafio que deve ser visto como prioridade, mesmo seguido de uma orientação acadêmica o estudante não consegue desenvolver atribuições que serão de imenso valor na vida profissional. O trabalho com a comunidade ainda traz para alguns o receio de não corresponder às expectativas, esta insegurança do estudante gera um prejuízo muito grande com a comunidade, de forma que o sucesso de um grupo depende da contribuição de ambos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda essa experiência valeu muito à pena, a universidade por si própria é um lugar de conceito, teoria, conhecimento e aprofundamento de ideias e reflexões, e a partir dessa experiência pude refletir sobre minha realidade aplicando conceitos aprofundados em toda a vida acadêmica. Essa realidade que nós estudantes vivemos durante estes anos são extremamente produtivos inclusive na formação pessoal, acadêmica e social, pois, somos expostos muitos trabalhos em grupo e as novidades da vida acadêmica e surpresas da vida real.

Pensamos bastante numa pedagogia participativa, onde todos os envolvidos são responsáveis pela construção de um projeto e é essa a pedagogia que queremos, precisamos ter voz, atitude e consciência de que nós sabemos o que melhor para nós mesmos. Ao pensar o currículo da FE- UnB na formação do pedagogo social fiz referencia a liberdade de o estudante poder direcionar sua formação já que apenas 43 % das obrigações das disciplinas não podem ser alteradas ainda pode-se escolher dentro das varias opções que o currículo oferece formas alternativas e limitadas de obtenção de credito.

Este é um lado positivo que obriga o estudante a ter a responsabilidade sobre sua formação, por outro lado deixa margem para uma formação esdrúxula e sem as qualidades que se espera de um pedagogo recém-saído da universidade. Trabalhar em comunidade é uma experiência muito intensa, quando se engaja na proposta do projeto, a experiência da pratica social me torna a cada dia um educador social. O currículo da Faculdade de educação é em sua teoria um documento maravilhoso, a proposta pedagógica é muito rica e cheia de oportunidades que não é fácil de ser desvendada.

O que de fato é necessário para que a faculdade de educação seja capaz de cumprir o seu papel em sua totalidade é de mais profissionais que tenham um compromisso com a sociedade e não com a instituição. Precisamos que a oferta de disciplinas seja preenchida conforme o projeto acadêmico do curso, ter dez disciplinas listadas no projeto e cinco sendo oferecidas é uma formação pela metade.

Concluo esta etapa da minha vida com a certeza do qual compreendi a proposta da universidade. Sabendo que este é um ambiente onde existe muita política envolvida em cada pedaço de cada discurso, faço a devida crítica com cinco anos de experiência de relações humanas nestes espaços da universidade, mas com muita fé em muitos profissionais da qual passam por sua formação acadêmica dentro da Universidade de Brasília e que nós possamos transformar nossa realidade, mudar a educação de nossas crianças para que estas não sejam os jovens e adultos que perdemos para o crime ou para a corrupção.

Sei que este pode ser um dos últimos pensamentos escritos dentro da graduação no curso de Pedagogia, e concluir de forma sistematizada às práticas pedagógicas é sem dúvida reflexos da academia. Não posso me despedir da graduação e concluir esta etapa sem reverenciar o mestre Paulo Freire que me aconselhou de forma magnífica sublime e um tanto utópica cada receio de uma prática social, menos ainda a quem me orientou e acolheu em diversas oportunidades, Sonia Marise.

A economia solidária mudou o curso de minha vida e a educação popular me fez perceber o quanto à organização da sociedade está errada devido à proporção territorial do Brasil, escutar que o Brasil é um país de todos, se torna cada dia que passa mais triste e mais enganoso.

PARTE III

PERSPECTIVAS DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

PERSPECTIVA DE ATUAÇÃO PROFISSIONAL

No que se refere à graduação, em PEDAGOGIA na Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sinto uma realização tamanha. Da geração de meus pais em toda a família, estou me tornando o primeiro homem a concluir o curso superior e em uma Universidade Pública. Estou maravilhado por conhecer de forma íntima o campo da Educação. Poder atuar no campo onde realmente poderei ser agente de mudança me torna um graduando feliz além da conta, poder agir como educador social, direcionar minha formação acadêmica seguindo preceitos da pedagogia social me faz admirar ainda mais o curso.

Tenho ciência de que o campo ainda é recente, mas as práticas que o caracterizam como tal sempre estiveram presentes nas estruturas sociais. Estou me formando sim, mas não vou esquecer de que o mundo ainda é repleto de injustiça social e que precisa de profissionais que carregam na sua formação e no seu caráter princípios éticos que fazem de uma pessoa um agente transformador, um guerreiro um ser humano.

Não estou e despedindo da Universidade nem da luta social que tenho travado desde que nasci já tenho uma promessa feita minha eterna orientadora Sônia Marise e a meus companheiros de que vou estar junto sempre que solicitado, e mesmo que não. Aprender a engajar-se faz todo o diferencial na vida de todo estudante. Desejo continuar a frequentar os espaços de atuação onde, dediquei-me por anos, lecionar, orientar, gerir, me especializar, pesquisar, produzir e principalmente mudar.

Citar um primeiro passo, a partir de agora, seria lecionar, exercer a função de pedagogo, e posteriormente num futuro não muito distante quero abrir o Instituto RENS de educação básica e Superior, um local para a educação plena, destinada a todos que nasceram excluídos da sociedade, principalmente negros, pretendo fazer parte de uma formação voltada para a dignidade humana, com respeito, coletividade, conhecimento, consciência e libertação, quero fazer parte de um modelo de escola que servirá para a educação do futuro.

Acredito que nossos sonhos nos levam a perseguir mais e mais a sua realização, e não posso desistir da educação que foi um difusor de águas na minha vida, nem contentar-me com a qual já foi edificado menos ainda guardar o que recebi, já dei quase cinco anos de minha vida e juventude, recebi uma linda formação agora vou retribuir com carinho e amor tudo que eu puder compartilhar a quem precisa.

ANEXOS

PLANO DE TRABALHO DETALHADO DO GT

Em um primeiro momento o grupo se viu perdido em problemas em que ocasionaria a dissolução do grupo, devido à falta de interação e compatibilidade de interesses entre o grupo e o professor Aroldo do grupo de futebol e o fator do período de reposição de aula da rede pública de ensino que utiliza os sábados para repor o período de greve, assim o grupo não teria um público alvo, já que toda a nossa proposta girava em torno do trabalho pedagógico com estas crianças.

Até então restava ajudar a cuidar da parte burocrática e administrativa do projeto “Bola no Pé, Escola na Cabeça” o que certamente está fora do programa da Universidade e do interesse dos estudantes. A partir desta realidade foi decidido reorganizar todo o projeto do grupo do futebol, em reuniões entre a Presidente da AASM, o Instrutor Aroldo, alunos da UnB e a Professora Sonia Marise, e ficou decidido desde então objetivos claros que foram decisivos para a continuação do projeto e do grupo, este novo planejamento seria já visando as dificuldades e enfrentando-as de modo que todos saíssem satisfeitos do produto final.

Na perspectiva da educação popular e economia solidária, o grupo deve proporcionar atividades lúdicas no contexto atual e a partir daí criar situações que favoreçam o diálogo, orientação e construção do conhecimento por meio de oficinas, e roda de debate a respeito de comportamentos específicos.

Apresentamos como objetivo geral, Orientar as crianças (06 a 15 anos) em diversas temáticas cotidianas, ministrar palestras e oficinas lúdicas a partir daí inserir diálogos sobre assuntos acentuados - a respeito da vida social, proporcionar momentos de aprendizagem e inserção cultural por meio de oficinas e debates.

Propusemos como ações:

- Auxiliar o professor Aroldo com organização da documentação das crianças;
- Planejar e executar atividades lúdico-desportivas e contextuais;

-Promover encontros, palestras, oficinas orientados a criar oportunidades de diálogos a fim de orientar para a consciência coletiva e moral valorizando a infância e sua característica.

Diante dos impasses encontrados o grupo teve um numero menor de encontros aos sábados que o esperado ao total de sete encontros onde dia 26/05 foi realizado o primeiro e tarefa foi definida da seguinte maneira:

Primeiramente houve uma dinâmica de apresentação de grupo em todos se apresentavam e falavam um pouco de si, já que muitos ainda não se conheciam, pois eram novos integrantes do projeto.

Dia 02/06 - As crianças de 06 a 10 anos realizavam um trabalho na quadra com o grupo e os demais participavam do treino com o professor Aroldo no campo, assim:

A princípio foi realizado um alongamento com os garotos e após um jogo diferenciado onde os melhores jogavam junto com os piores para que haja o equilíbrio sendo que havia duas meninas e elas seguiram uma para cada time, as crianças jogavam e ao termino de 15 minutos entrava outro time, foi importante para que as crianças mantivessem contato entre si evitando as “panelinhas” e valorizassem a cooperação e o trabalho coletivo. Após esta etapa foi realizada uma dinâmica de adivinhação onde todos participavam, foi feito um grande circulo na quadra, lembrando que foi aproveitado esta etapa para combinar que nos sábados seguintes haveria novos encontros.

Dia 09/06 - realizamos uma atividade com poucas crianças, pois o Sr. Aroldo não pôde estar presente devido a mal-estar então a grande maioria das crianças tinha voltado para casa, então foi realizada uma atividade física seguidas de algumas partidas mistas de futebol e cobranças de pênaltis, após foi conversado com as crianças a respeito dos jogadores de futebol, foi verificado a preferência deles e daí partimos a iniciar a proposta de a partir das experiências de jogadores famosos (boas e ruins) aproveitar o interesse comum e criar situações de aprendizagem, onde podemos inserir temáticas do cotidiano que precisam ser trabalhadas com estes jovens, tai como: família, sociedade, respeito, coletivo, humildade etc.

Assim foi escolhido dois jogadores para iniciar, Neymar e Messi. Estes foram escolhidos para o próximo encontro, foi solicitada a pesquisa via internet para que pudéssemos integrar as temáticas.

Dia 16/06 - tentativas frustradas, pois o ônibus demorou a chegar à Santa Maria e assim que o grupo chegou às crianças já haviam ido embora, daí guardamos o tempo para o planejamento da próxima atividade e ajudar com o Sr. Aroldo a preparar as carteirinhas dos meninos que vão disputar o campeonato de Santa Maria.

Dia 23/06 iríamos realizar a palestra com o tema Esporte sim, Violência Não. Ver anexo plano de trabalho I – mas devido a falecimento de nosso querido Amigo Raimundo José, muito querido no grupo por fazer parte dele por dois semestres anteriores, o grupo não esteve emocionalmente preparado para realizar a atividade, daí foi somente planejado a atividade de encerramento na AASM, a oficina de pipa – ver anexos Plano de aula II.

Dia 30/06 dia do encerramento das atividades praticas em Santa Maria, foi realizada pelo grupo do futebol a oficina de pipa com as crianças, a tarefa teve êxito total em seu planejamento e execução, tanto na confecção do produto quanto no interesse de ter tempo para discutir temáticas e transmitir conhecimento minuciosamente com as crianças. Ver anexo plano de trabalho II.

AVALIAÇÃO DA PRÓPRIA PRÁTICA

Apesar de alguns contratemplos no decorrer do projeto, acreditamos que os momentos com as crianças e jovens foi de grande valia, tanto para nós acadêmicos como para os alunos da associação de Santa Maria, pois, trabalhar em comunidade é muito intenso e nem sempre o que planejamos é certeza que dará certo. O grupo sempre tentava solucionar o problema de falta de alunos, procuramos o professor Aroldo para conversar, mais ele parecia desanimado com o trabalho e sempre com pensamentos negativos. Devido a isso, fomos perdendo as forças, ficamos sem ânimo e o GT do futebol foi ameaçado de não existir e assim nós integrantes

teríamos que migrar para outros grupos, pois não havia sentido de continuar um trabalho que não estava dando resultados.

Durante uma conversa com a professora Sônia do projeto, o professor Aroldo do futebol e Amparo diretora da associação, nesta reunião foi colocado todos os problemas e perguntado ao professor se poderíamos contar com ele para continuação das atividades do GT de futebol. A partir daí fomos trabalhar com os meninos. O primeiro contato foi bastante proveitoso, eles estavam ansiosos com nossa chegada e participaram das dinâmicas demonstrando bastante interesse e atitude.

Ao planejarmos a oficina, pensamos em uma atividade que pudéssemos despertar o interesse em participar da mesma, então surgiu à ideia de confeccionarmos pipa, estávamos confiantes que assim chamaríamos atenção das crianças, esperávamos grande procura e foi, superando nossas expectativas. Antes de começarmos a oficina foi colocado que para um bom resultado os meninos precisariam de muita atenção, cooperação, respeito e solidariedade com o outro.

O contato com os meninos da associação, a intervenção pedagógica neste trabalho é muito importante, pois, passamos a eles que não estão ali só para jogar futebol em si, trabalhamos outros aspectos que vão além da pratica do futebol ou pratica pela pratica, através das nossas conversas percebemos o quanto eles estavam precisando do GT para cooperar com alguns valores importantes para um ser humano. É necessário olhar para o outro, alguns meninos faziam gracinha para chamar nossa atenção, interrompemos a atividade para conversar e explicar determinados assuntos.

A educação não formal e solidaria é importante para o desenvolvimento do sujeito, pois, visa o caráter coletivo, o individuo valoriza as relações sócias e culturais de determinada região, nossa preocupação é sobretudo com o desenvolvimento critico dos envolvidos na ação.

RECOMENDAÇÕES DE MELHORIAS E CONTINUIDADE DO TRABALHO TENDO A TEORIA COMO REFERÊNCIA.

Propusemos a realização de palestras, vídeos, dinâmicas, oficinas, cujos temas seriam os seguintes: drogas, sexualidade, a importância da escola, a valorização da família, o cuidado com o material, o respeito com o outro, cidadania, solidariedade, cultura, o desenvolvimento moral e violência.

Durante a realização da oficina percebemos a importância de conversarmos e apresentarmos palestras sobre violência, moral e respeito, pois, alguns meninos hora ou outra xingavam uns aos outros e incitavam a violência, as regras morais que são de total importância para o bem estar próprio e do outro. As regras servirão para harmonizar a convivência e facilitar o trabalho, mas deixando claro que para um ser autônomo que queremos formar, as regras devem ser com diálogos e reflexão. Segundo Freire a educação para que a educação seja transformadora, não basta impor e ditar regras de boa convivência, mas dar sentido a elas em um ato de conscientização.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social, histórico como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar (FREIRE, 2007, P. 41).

Plano de Aula I

Tema: Esporte sim, Violência Não.

Objetivo da aula: Ajudar as crianças a perceberem que são capazes de praticar esportes sem violência.

Tempo da aula: 45 minutos

Material: Retroprojektor, notebook, folhas A4, lápis, canetas e giz de cera.

1º momento: (10 minutos)

Indaga-los quem já presenciou uma cena de violência na prática de algum esporte.

(trazer algum texto sobre o assunto)

2º momento: (10 minutos)

Perguntar a opinião deles porque isso acontece.

3º momento: (10 minutos)

Construir juntos possíveis soluções para evitar a violência no esporte onde cada um escreve uma frase ou palavra significativa representando valores que precisam estar presentes na prática de esportes, como respeito, motivação, união etc. Caso alguma criança não saiba escrever pode desenhar uma ação positiva contra a violência no esporte. (no termino desta atividade colar as folhas no quadro ou em uma parede visível para analisarmos a nossa construção de conhecimento sobre o tema abordado)

4º momento: (15 minutos)

Mostrar 4 vídeos, sendo 2 de situações de violência(negativa) e 2 de amizade e união(positiva) no esporte. A cada vídeo concluir o que ele transmite e trazer críticas

e interagir com os educandos para que haja a mediação e troca de conhecimento. (Além de vídeos podemos utilizar figuras representativas, dialogando com imagens).

Obs.: Nesse momento podemos fazer um lanche com eles enquanto assistem aos vídeos.

Avaliação da aula:

Depois de uma rápida conversa concluindo a aula reforçar aos alunos que todos somos capazes de sermos ótimos jogadores e que para aumentar a nossa capacidade e habilidade é preciso evitar brigas e banir a violência do esporte. Incentivá-los a transmitir a todos os amigos a importância de não sermos agressivos nem violentos em nenhum momento de nossas vidas, sempre dialogarmos na busca de soluções amigáveis principalmente no esporte para alcançarmos ainda um melhor rendimento nos jogos, sempre com espírito de união.

.

Afirma o Escritor Paiva Netto: Esporte é Vida, Não Violência!

Plano de Aula II

Área: Artes e Cultura

Tema: Aprendendo a confeccionar PIPA

Instrutor: Renato Silva **Monitores:** Elen, Paulo, Lethícia e Maria de Fátima

Duração: 60 min. Aula

Objetivos:

Ensinar e/ou mostrar a crianças, jovens e adultos como confeccionar a PIPA;
Conscientizar os jovens do uso correto da PIPA, apresentar riscos, mostrar aspectos da realidade;

Relacionar a PIPA no conceito de comércio e aplicá-lo na 1º feira de economia solidária da cidade de Santa Maria DF;

Metodologia:

Oficina com o uso de materiais necessários a realização do produto, seguido de aula expositiva a respeito da conscientização e do uso do material.

Programação:

Primeiro momento: realizar o processo de inscrição para a oficina de PIPA, e organizar as turmas que serão cerca de 5 a 10 pessoas por turma.

No total serão três 03 turmas durante o dia.

Atividade:

Apresentar os materiais necessários na confecção são eles: (linha , tesoura, cola, papel de seda e folha de buriti), após a explicação a proposta é de ensinar e acompanhar passo a passo como confeccionar a PIPA, iniciando com a armação da pipa e finalizando com a encapação dela. Posteriormente apresentar a realidade relacionada a PIPA e palestrar sobre suas implicações na sociedade. E por fim, utilizá-la como moeda de troca na 1º feira de economia solidária da cidade de Santa Maria – DF.

Avaliação:

Partindo da construção do conhecimento produzido a partir desta oficina, será utilizada, como ferramenta de avaliação, a construção prática do produto. Neste sentido cada participante da oficina terá o direito de confeccionar duas PIPAS, sendo uma para consumo próprio e outra para a comercialização na feira de troca, desta forma, se verificará não apenas o aprendizado da PIPA em si, como também as diversas relações que envolvem o contexto social do ser humano, Sendo capaz de utilizar suas próprias ferramentas e mão de obra para criar e comercializar e ainda compreender suas implicações e seu papel dentro de um ambiente coletivo.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo, 1921- A Importância do ato de ler: Em três artigos que se completam / Paulo Freire. – SÃO PAULO: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 4). (Biblioteca Digital Paulo Freire).

FREIRE, Paulo, Ação cultural para a liberdade. 5ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981. (Biblioteca Digital Paulo Freire).

FREIRE, Paulo, 1921 - Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire / Paulo Freire; [tradução de Kátia de Mello e Silva; revisão técnica de Benedito Eliseu Leite Cintra]. – São Paulo: Cortez & Moraes, 1979. (Biblioteca Digital Paulo Freire).

FREIRE, Paulo, Educação e mudança / Tradução de Moacir Gadotti e Lílian Lopes Martin, 12ª edição, Paz e Terra. (Biblioteca Digital Paulo Freire).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo Freire. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos* / Paulo Freire. SÃO PAULO: editora UNESP, 2000. (Biblioteca Digital Paulo Freire).

FREIRE, Paulo, *Pedagogia do oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2005.

FREIRE, Paulo, *Política e educação: ensaios* / Paulo Freire. – 5ª Ed. São Paulo Freire, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v. 23) (Biblioteca Digital Paulo Freire).

Pedagogia Social / Roberto da Silva, João Clemente de Souza Neto, Rogério Adolfo de Moura (orgs.). – São Paulo: Expressão e Arte Editora, vol. 1. 2ª edição, 2011.

LIBANÊO, José Carlos. Que destino os Educadores Darão a Pedagogia? . In LIBANÊO, José Carlos, PIMENTA, Selma Garrido (Org.). *Pedagogia, ciência da educação?* São Paulo: Cortez, 1998.

HOUSSAYE, Jean, Manifesto a favor dos pedagogos / Jean Houssaye, Michel Soëtard, Daniel Hameline e Michel Fabre; trad. Vanise Dresch. – Porto Alegre: Artmed, 2004.

PROJETO ACADÊMICO DO CURSO DE PEDAGOGIA DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

SANSHINE, Maciella, *O que é Economia solidária*. Disponível em:<<http://pt.shvoong.com/social-sciences/1814915-que-%C3%A9-economia-solid%C3%A1ria/#ixzz1SmfCIIdb>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

SAVIANI Dermeval, *Pedagogia histórico-critica: primeiras aproximações* / Dermeval Saviani - 7. Ed. - Campinas SP: Autores Associados 2000 - (Coleção polemicas do nosso tempo; v 40)

KRUPPA, Sonia M. Portella, *Economia solidária e educação de jovens e adultos / organização*. – Brasília: Inep, 2005. 104p.

RESOLUÇÃO CNE/CP Nº 1, DE 15 DE MAIO DE 2006.

BENINI, Gustavo e NETO, Leonardo. *Desemprego e Economia Solidária: Repensando a Autogestão*. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS

CONCEIÇÃO, Paludo. *MOVIMENTOS SOCIAIS E EDUCAÇÃO POPULAR: atualidade do legado de Paulo Freire*. Professora da Universidade Federal de Pelotas – UFPel/RS.

PAVAN, Ruth. *A CONTRIBUIÇÃO DE PAULO FREIRE PARA A EDUCAÇÃO POPULAR: uma análise do gt de educação popular da ANPED*

CATTANI, LAVILLE, GAIGER, HESPANHA. *Dicionário internacional da outra economia / Pedro Hespanha... [et al.]*. Janeiro, 2009 – (CES) ISBN978-972-40-37226

Sítio de pesquisa Google: <http://www.santamaria.df.gov.br/>

Fórum Brasileiro de Economia Solidária – FBES - www.fbes.org.br

Sítio de pesquisa Google? <http://www.wikipedia.com>